

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras

Luana Lopes Amaral

**OS PREDICADOS PRIMITIVOS *ACT* E *DO* NA  
REPRESENTAÇÃO LEXICAL DOS VERBOS**

Belo Horizonte  
2013

Luana Lopes Amaral

## **OS PREDICADOS PRIMITIVOS *ACT* E *DO* NA REPRESENTAÇÃO LEXICAL DOS VERBOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudos na interface sintaxe e semântica lexical

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cançado (FALE/UFMG)

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2013

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A485p      Amaral, Luana Lopes.  
Os predicativos primitivos ACT e DO na representação  
lexical dos verbos [manuscrito] / Luana Lopes Amaral. – 2013.  
92 f., enc.

Orientadora: Márcia Cançado.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos na Interface Sintaxe e  
Semântica Lexical.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 79-85.

Apêndices: f. 86-92.

1. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 2. Língua  
portuguesa – Sintaxe – Teses. 3. Língua portuguesa –  
Semântica – Teses. I. Cançado, Márcia. II. Universidade  
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

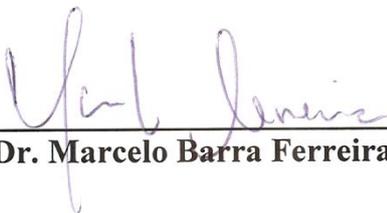
CDD : 469.5

Dissertação intitulada *Os predicados primitivos ACT e DO na representação lexical dos verbos*, defendida por LUANA LOPES AMARAL em 18/02/2013 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



---

**Dra. Márcia Maria Cançado Lima - UFMG**  
Orientadora



---

**Dr. Marcelo Barra Ferreira - USP**



---

**Dr. Ricardo Augusto de Souza - UFMG**

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial e principalmente agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Cançado, exemplo de pessoa e profissional, que me ensinou linguística, semântica e muitas outras coisas, sempre de maneira doce. Agradeço a ela por ter confiado em meu trabalho, por ter se dedicado tanto a mim e a minha formação, e também por todo apoio (como o fornecimento de material, livros, etc.) e suporte na participação em congressos.

Agradeço ao Prof. Dr. Marcelo Ferreira e ao Prof. Dr. Ricardo Souza, membros da banca examinadora, pela disponibilidade em ler o trabalho e participar da banca. Agradeço a eles pelas valiosas sugestões e pelos comentários enriquecedores que fizeram sobre o trabalho. Agradeço à Profa. Dra. Luisa Godoy pelas suas contribuições. Agradeço também ao Prof. Dr. Mário Perini e ao Prof. Dr. Pedro Perini pela leitura do projeto desta dissertação e por seus comentários e sugestões.

Agradeço ao Diógenes Evangelista por me ajudar com todo o suporte necessário para a construção desta dissertação (livros, computadores, programas, etc.) e por me auxiliar nas viagens para congressos.

Agradeço à Ângela Amaral e à Bárbara Amaral por toda a ajuda e, de maneira especial, agradeço também ao Geraldo M. do Amaral.

Agradeço à Amanda Rosa pela revisão da dissertação.

Agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado.

## RESUMO

Nesta dissertação, tomamos como objeto de estudo alguns tipos de verbos de atividade agentivos do português brasileiro e os predicados primitivos ACT e DO. Esses predicados primitivos são propostos na literatura para a formulação de estruturas de decomposição de predicados que possam servir de representação lexical para verbos de atividade agentivos. O nosso objetivo é investigar qual desses predicados primitivos é mais adequado para a representação dos verbos que tomamos como objeto de estudo e se é necessário postular a existência de ambos em um inventário de predicados primitivos. Tomamos como base a proposta de Cançado e Godoy (2011), que mostra que os verbos de atividade agentivos do português brasileiro não formam uma classe verbal gramaticalmente relevante. Assim, levantamos a hipótese de que ACT e DO existem em um inventário de predicados primitivos e que cada um desses predicados será utilizado na representação lexical de uma classe específica de verbos de atividade agentivos. Em nossos dados encontramos três diferentes classes verbais: os verbos como *correr*, os verbos como *escrever* e os verbos de criação. Motivamos a classificação dos verbos com testes sintáticos e semânticos. Também através de testes sintáticos e semânticos, concluímos que os verbos como *correr* são mais adequadamente representados através de uma estrutura com o predicado primitivo DO e que os verbos como *escrever* são mais adequadamente representados através de uma estrutura com o predicado primitivo ACT. Os verbos de criação também são mais adequadamente representados através de uma estrutura com o predicado primitivo ACT, mas que é diferente da representação proposta para os verbos como *escrever*. Por fim, mostramos que uma aparente alternância de transitividade que ocorre com alguns verbos de criação (*o João escrevia/o João escreveu uma carta*) é, na verdade, resultado de um processo de polissemia.

## ABSTRACT

This dissertation aims to study some types of agentive activity verbs in Brazilian Portuguese and two primitive predicates, ACT and DO. These primitive predicates are proposed in the literature for the formulation of predicate decomposition structures that could be used as lexical representation for agentive activity verbs. Our purpose is to investigate which one of these primitive predicates is more adequate for the formulation of representations to the verbs we analyze and also if we need to postulate that both predicates exist in an inventory of primitive predicates. Considering Cançado and Godoy's (2011) work, which shows that agentive activity verbs in Brazilian Portuguese do not form a grammatically relevant verb class, we raise the hypothesis that both ACT and DO exist in an inventory of primitive predicates and each one of those predicates is used in the representation of a specific class of agentive activity verbs. We found in our data three different verb classes: verbs like *correr* 'run', verbs like *escrever* 'write', and verbs of creation. We motivate the classification of the verbs using syntactic and semantic diagnostics. Also using that kind of diagnostics, we conclude that verbs like *correr* are more adequately represented by a structure with the primitive predicate DO and that verbs like *escrever* are more adequately represented by a structure with the primitive predicate ACT. The verbs of creation are also more adequately represented by a structure with the primitive predicate ACT, but their representation is different from the one proposed for verbs like *escrever*. We also show that an apparent transitivity alternation found with verbs of creation (*o João escrevia* 'João used to write'/*o João escreveu uma carta* 'João wrote a letter') is, in fact, the result of a process of polysemy.

# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
1.1 A Interface Sintaxe-Semântica Lexical .....	7
1.1.1 Classes Verbais.....	8
1.1.2 Representações .....	12
1.2 A Pesquisa .....	15
1.2.1 Objeto de estudo .....	15
1.2.2 Hipótese, objetivos e justificativa.....	19
1.2.3 Metodologia.....	21
2 A DECOMPOSIÇÃO SEMÂNTICA EM PREDICADOS PRIMITIVOS .....	23
2.1 O predicado primitivo <i>CAUSE</i> .....	30
2.2 Os predicados primitivos <i>ACT</i> e <i>DO</i> .....	33
3 OS PREDICADOS <i>ACT</i> E <i>DO</i> E AS CLASSES VERBAIS.....	45
3.1 As classes verbais .....	45
3.2 A representação lexical.....	57
3.2.1 Verbos da classe de <i>correr</i> .....	58
3.2.2 Verbos da classe de <i>escrever</i> .....	61
3.2.2.1 Verbos de criação .....	64
3.3 Conclusões.....	74
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	75
REFERÊNCIAS .....	79
APÊNDICE .....	86

# 1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, apresentamos uma pesquisa realizada na área da Linguística Teórica e Descritiva, mais especificamente, na linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical. O objetivo deste trabalho, de uma forma mais ampla, é investigar quais tipos de informação sobre o sentido dos verbos possuem um papel fundamental na realização sintática de seus argumentos. Para tal, tomamos como objeto de estudo um subgrupo dos verbos agentivos do português brasileiro, focalizando nossa atenção em dois componentes semânticos que representam a informação semântica relevante para a sintaxe desses verbos, os predicados primitivos ACT e DO, temas já propostos na literatura. De uma forma mais específica, o nosso objetivo é investigar o papel dos predicados primitivos ACT e DO na representação semântico-lexical desse subgrupo de verbos agentivos. Esta pesquisa se insere em um projeto de pesquisa maior, em que se busca descrever o léxico verbal do português brasileiro e explicar a relação entre as propriedades semântico-lexicais dos verbos e seu comportamento sintático. Essas pesquisas vêm sendo desenvolvidas no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical (NuPeS) da Faculdade de Letras da UFMG, sob a coordenação da Profa. Márcia Cançado.

A dissertação está organizada da seguinte forma: neste capítulo, delineamos a área de estudo e apresentamos a pesquisa; no Capítulo 2, descrevemos a abordagem teórica adotada; no Capítulo 3, apresentamos a nossa análise para o objeto de estudo, descrito na seção 1.2.1; por fim, concluímos a dissertação no Capítulo 4. Ao final do trabalho, no Apêndice, apresentamos os dados utilizados na realização da pesquisa.

## 1.1 A Interface Sintaxe-Semântica Lexical

A Interface Sintaxe-Semântica Lexical é uma linha de pesquisa da Linguística que tem como foco o estudo das propriedades semânticas dos itens lexicais de uma língua que possuem papel fundamental na sintaxe. A partir do ponto de vista dessa linha, o léxico não é uma mera lista de palavras. Nesse componente linguístico, considerado um componente

sistemático e organizado, estão contidas informações que são importantes para a formulação de generalizações e regras a respeito da língua.

Nos estudos na Interface Sintaxe-Semântica Lexical, muitos pesquisadores têm assumido e confirmado através de suas pesquisas a hipótese da base semântica (KOENIG; DAVIS, 2006), que advoga que os determinantes da realização sintática dos argumentos de um verbo são propriedades de natureza semântica que estão presentes na entrada lexical dos itens verbais (CANÇADO, 2005, 2010; CANÇADO; GODOY, 2012; KOENIG; DAVIS, 2006; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, 1995, e trabalhos subsequentes; PINKER, 1989; VAN VALIN, 1993, 2005; VAN VALIN; LAPOLLA, 1997; WUNDERLICH, 1997, 2012; entre outros). O objetivo das teorias da Interface Sintaxe-Semântica Lexical que assumem essa hipótese é propor representações semânticas para os verbos que possam servir de base para a explicação de sua sintaxe, ou seja, a sua estrutura argumental e todas as possíveis realizações dos argumentos dos verbos, como sua participação em diferentes construções e alternâncias verbais. Tais teorias são chamadas de teorias de projeção (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005), pois assumem que a realização dos argumentos na sintaxe (a estrutura sintática) é uma “projeção” das propriedades lexicais dos verbos, que são de natureza semântica. São de grande importância nessa linha de pesquisa os estudos sobre as classes verbais e as representações semânticas dos verbos, também chamadas de representações lexicais.

### 1.1.1 Classes Verbais

As classes verbais são grupos de verbos que compartilham propriedades semânticas e, como consequência da hipótese da base semântica, possuem as mesmas propriedades sintáticas (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012; LEVIN, 1993). É importante diferenciar uma classe verbal de um agrupamento qualquer de verbos. As classes verbais são grupos de verbos para os quais podemos definir uma série de generalizações específicas, a respeito de sua sintaxe. Agrupamentos quaisquer de verbos, entretanto, não servem para definir generalizações desse tipo, pois cada um dos verbos agrupados terá comportamento sintático diferente. Para explicar melhor o que são classes verbais e a diferença entre classes e agrupamentos, tomemos como exemplo um dos verbos utilizados na realização desta pesquisa, o verbo *correr*, e as possíveis classes a que pode pertencer.

Em princípio, poderíamos pensar que um verbo como *correr* é um verbo que acarreta movimento e que, por isso, deveria ser agrupado com outros verbos com acarretamento de movimento, como *jogar*. Entretanto, os verbos que acarretam movimento não possuem o mesmo comportamento sintático, como argumentam Levin e Rappaport Hovav (1992):

- (1) O João jogou o papel na lixeira.
- (2) \*O João correu o menino na casa da Maria.
- (3) \*O João jogou a tarde toda.
- (4) O João correu a tarde toda.

Enquanto o verbo *jogar* ocorre com três argumentos (alguém joga algo em algum lugar), o verbo *correr* ocorre apenas com um argumento (alguém corre). Dessa maneira, *ter movimento* não é uma propriedade semântica relevante para a formação de uma classe verbal, pois não podemos formular generalizações a respeito da sintaxe dos verbos agrupados por tal propriedade.

Podemos pensar, então, em outra propriedade para formar uma classe que contenha o verbo *correr*, a propriedade semântica *ter uma trajetória*, como propõe Jackendoff (1990). Verbos como *ir* acarretam que existe uma trajetória percorrida de um ponto A até um ponto B:

- (5) O João foi da China até o Japão.
- (6) O João correu de casa até o trabalho.

Entretanto, o verbo *correr* não acarreta uma trajetória, ao contrário do verbo *ir*, apesar de poder ser usado para descrever eventos em que há uma trajetória percorrida, como o descrito em (6). Podemos mostrar essa diferença entre os verbos *ir* e *correr* através de um teste proposto por Cançado (2009). Esse teste consiste em trocar as preposições que indicam a trajetória por outras de sentido diferente. Se a trajetória for um acarretamento do verbo, as sentenças com preposições de diferentes sentidos ficam agramaticais:

- (7) O João foi até a Maria.
- (8) \*O João foi com a Maria.
- (9) \*O João foi sem a Maria.

- (10) O João correu até a Maria.
- (11) O João correu com a Maria.
- (12) O João correu sem a Maria.

Levin e Rappaport Hovav (2005, p. 220) argumentam que verbos como *run* ‘correr’ do inglês não acarretam uma trajetória e dão o exemplo *Dana ran in place* ‘Dana correu no mesmo lugar’ para corroborar sua afirmação. Para o português, também podemos formular sentenças desse tipo:

- (13) A Maria correu na esteira o dia todo.

Segundo Levin e Rappaport Hovav (2005), a possível entrada de uma trajetória em uma sentença com o verbo *correr* não decorre de o verbo acarretar essa trajetória, mas é um fenômeno chamado de “event composition”, que consiste na adição de um novo predicado à estrutura de evento do verbo.

Outra classe em que *correr* poderia entrar seria a dos verbos que acarretam um modo de movimento, e não uma trajetória. Verbos desse tipo são verbos como *dançar* e *balançar*. Todos esses verbos acarretam que seu argumento se move de determinada maneira. Entretanto, Levin e Rappaport Hovav (1992) também mostram que os verbos de modo de movimento não possuem comportamento sintático uniforme, alguns são inacusativos e participam da alternância transitivo-intransitiva<sup>1</sup> e outros são inergativos e não participam dessa alternância:

- (14) O João correu/dançou o dia todo.
- (15) \*O treinador correu/dançou o João o dia todo.
- (16) A cortina balançou o dia todo.
- (17) O menino balançou a cortina o dia todo.

Assim, parece que a propriedade semântica *ter um modo de movimento* também não agrupa os verbos em uma classe.

---

<sup>1</sup>A alternância transitivo-intransitiva pode ser definida como uma dupla possibilidade de realização sintática dos argumentos de um verbo. O verbo alternante pode ocorrer em uma estrutura sintática do tipo  $SN_1 V SN_2$  ou em uma estrutura sintática do tipo  $SN_2 V$ . Para mais detalhes sobre essa alternância em verbos de modo de movimento, ver Levin (1993), Levin e Rappaport Hovav (1992, 1995) e, para o português brasileiro, Amaral (2010, 2011).

Segundo Levin e Rappaport Hovav (1995), o verbo *correr* pertence a uma classe de verbos que têm como propriedade semântica comum *ser internamente causado*, ou seja, esses verbos denotam eventos que ocorrem sem a ajuda de uma força externa e dependem apenas de propriedades internas dos argumentos para ocorrerem. Verbos desse tipo são *dançar* e *chorar*. De fato, esses verbos possuem um mesmo tipo de comportamento sintático:

- (18) O menino correu/dançou/chorou o dia todo.
- (19) \*A babá correu/dançou/chorou o menino.
- (20) O menino correu a corrida final do campeonato.
- (21) O menino dançou uma dança espanhola.
- (22) O menino chorou um choro triste e contido.

O que podemos chamar de “verbos de movimento” e “verbos de modo de movimento” são, então, agrupamentos de verbos a partir de propriedades semânticas. Entretanto, essas propriedades semânticas não são relevantes para a formação de classes verbais. Não é possível traçar generalizações a respeito da estrutura argumental a partir dos verbos de movimento e dos verbos de modo de movimento. Por exemplo, não podemos dizer que os verbos de movimento são transitivos ou intransitivos e não podemos dizer que os verbos de modo de movimento participam da alternância transitivo-intransitiva. Acarretar uma trajetória pode ser uma propriedade semântica que agrupa verbos em classes, mas não é o caso de verbos como *correr* (também *nadar*, *caminhar*, *andar*, etc.)<sup>2</sup>. A classe a que o verbo *correr* pertence, segundo Levin e Rappaport Hovav (1992, 1995), comporta verbos como *dançar*, *chorar*, *rir* e *pular*, chamados “verbos internamente causados” e podemos prever várias propriedades sintáticas para essa classe. Por exemplo, esses verbos são intransitivos (como mostra o exemplo em (18)), não participam da alternância transitivo-intransitiva (como em (19)) e podem ocorrer com objetos cognatos ((20)-(22)). Dessa maneira, o conjunto desses verbos parece ser de fato uma classe verbal.

Ao contrário do que possa parecer, o fato de os membros de um agrupamento de verbos formado com base em alguma propriedade semântica não possuírem o mesmo comportamento sintático não invalida a hipótese da base semântica. O que ocorre de fato é que não são todas as propriedades semânticas dos verbos que são relevantes para a formação

---

<sup>2</sup> Para uma ampla descrição dos verbos que acarretam trajetória no português brasileiro, ver Corrêa (2005) e Corrêa e Cançado (2006). Esses trabalhos apresentam seis diferentes tipos de verbos de trajetória, o que sugere que essa propriedade semântica não agrupa os verbos em uma única classe.

de classes. É trabalho do semanticista lexical encontrar as propriedades que são relevantes e propor a explicitação dessas propriedades e sua relação com a gramática de determinada língua, através de representações dos itens lexicais.

### 1.1.2 Representações

Para representar as propriedades semânticas dos verbos que definem as classes verbais, os semanticistas lexicais utilizam as chamadas representações lexicais, que são maneiras de formalizar o sentido dos verbos que está presente no léxico. As representações lexicais são, então, formas de se representar o conteúdo semântico-lexical dos verbos através de uma metalinguagem. Tais representações possuem um papel muito importante nas generalizações gramaticais sobre os verbos e as classes verbais de determinada língua. As propriedades semânticas que são relevantes para agrupar os verbos em classes, chamadas na literatura de propriedades semânticas gramaticalmente relevantes, são as que devem estar presentes nas representações lexicais. Essas propriedades são os determinantes semânticos da realização sintática dos argumentos dos verbos.

As representações lexicais tomam diversas formas em diferentes teorias de Interface Sintaxe-Semântica Lexical. A mais comum (utilizada também em teorias sintáticas como a Gramática Gerativa) é a representação lexical por grades temáticas (inicialmente proposta em FILLMORE, 1968; GRUBER, 1965; JACKENDOFF, 1972 e largamente adotada e reformulada por vários autores como CANÇADO, 2005; CRUSE, 1973; DOWTY, 1991; VAN VALIN, 2005; entre outros). Nas grades temáticas, as propriedades semânticas que agrupam os verbos em classes são representadas como “rótulos” que identificam as funções semânticas dos argumentos de um verbo, os papéis temáticos. Vejamos alguns exemplos:

(23) *assassinar*: {Agente, Paciente}

(24) *pintar*: {Agente, Paciente}

Verbos como os apresentados em (23) e (24) possuem uma representação lexical que explicita as funções semânticas de seus argumentos. O primeiro argumento tem função de agente, ou seja, ele age volitivamente e desencadeia o evento; o segundo argumento tem função de

paciente, ou seja, ele não age, não tem papel no desencadeamento do evento, mas sofre uma mudança de algum tipo. O que se pode prever para esses verbos em termos sintáticos é que são transitivos, não participam da alternância transitivo-intransitiva (WHITAKER-FRANCHI, 1989) e podem ser passivizados:

- (25) a. O sequestrador assassinou a vítima.  
 b. \*A vítima assassinou.  
 c. A vítima foi assassinada pelo sequestrador.
- (26) a. O menino pintou o muro.  
 b. \*O muro pintou.  
 c. O muro foi pintado pelo menino.

Algumas propostas de representação lexical por grades temáticas, como, por exemplo, a de Cançado (2005) para o português brasileiro, são mais refinadas que a apresentada em (23) e (24) e são capazes de agrupar os verbos em classes mais específicas e de prever a ocorrência dos verbos em alternâncias verbais, entre outras propriedades gramaticais (ver os trabalhos para o português brasileiro de CANÇADO, 2002; CIRÍACO; CANÇADO, 2009; CORRÊA; CANÇADO, 2006; GODOY, 2008; MOREIRA, 2000; SILVA, 2002; WENCESLAU, 2003).

Outra forma de representação lexical é a decomposição semântica dos verbos em predicados primitivos ou decomposição de predicados (CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012; DOWTY, 1979; JACKENDOFF, 1990; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, 2005; PINKER, 1989; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN; 1998; VAN VALIN, 2005; VAN VALIN; LAPOLLA, 1997; WUNDERLICH, 1997, 2012). A decomposição de predicados é uma maneira mais formalizada de se representar o sentido dos verbos do que uma lista de papéis temáticos. O próprio sentido dos verbos é decomposto em unidades menores e é representado por meio de uma estrutura de argumentos e predicados. As propriedades semânticas relevantes para a formulação de classes verbais são representadas por elementos primitivos que são predicadores. Vejamos alguns exemplos desse tipo de representação:

(27) *engravidar*: [X BECOME <GRÁVIDA>]

(28) *apodrecer*: [X BECOME <PODRE>]

A propriedade semântica que agrupa verbos como *engravidar* e *apodrecer* em uma classe é *mudança de estado*. A propriedade semântica *mudança* é representada pelo predicado primitivo BECOME e entre os colchetes angulados estão representados os estados de X que mudam. Sobre o comportamento sintático dos verbos de mudança de estado como os exemplificados em (27) e (28), chamados de “verbos incoativos” (CANÇADO; AMARAL, 2010), podemos prever que são verbos intransitivos, que participam da alternância transitivo-intransitiva, que não podem ser passivizados e que não aceitam o clítico *se*:

- (29) a. A Maria engravidou.  
 b. O João engravidou a Maria.  
 c. \*A Maria foi engravidada.  
 d. \*A Maria se engravidou.
- (30) a. A fruta apodreceu.  
 b. O calor apodreceu a fruta.  
 c. \*A fruta foi apodrecida.  
 d. \*A fruta se apodreceu.

Uma estrutura de decomposição de predicados apresenta mais informações semânticas a respeito dos verbos que uma grade temática (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005). Na decomposição de predicados, são representadas todas as propriedades semânticas de um verbo, enquanto que em uma grade temática, apenas os papéis semânticos dos argumentos do verbo são representados. Por exemplo, de uma representação como a em (27) podemos tirar as informações de que o verbo *engravidar* é monoargumental, denota uma mudança, que essa mudança é para o estado de grávida, além de podermos derivar dessa estrutura o papel temático de X, que é paciente, e o aspecto lexical do verbo, que é *achievement* (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012). A grade temática dos verbos em (23) e (24) não contém nenhuma informação sobre a semântica dos verbos além das funções semânticas e do número de seus argumentos. Nesta pesquisa, adotamos a decomposição de predicados como forma de representar o sentido lexical dos verbos e apresentamos detalhadamente essa proposta teórica no Capítulo 2.

## 1.2 A Pesquisa

### 1.2.1 Objeto de estudo

Na literatura, encontramos duas propostas diferentes de representação lexical para verbos agentivos com base na decomposição de predicados. Autores como Pinker (1989), Wunderlich (2012), Cançado (2010) e Rappaport Hovav e Levin (1998) utilizam o predicado primitivo ACT na representação de tais verbos. Dowty (1979), Van Valin (2005) e Brousseau e Ritter (1991) utilizam o predicado primitivo DO para a representação do mesmo tipo de verbo. Alguns autores assumem que qualquer um desses predicados pode ser utilizado na representação de verbos agentivos, sendo eles equivalentes (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; VAN VALIN, 2005). Nessas propostas de representação lexical, os autores sempre utilizam um ou outro predicado, nunca utilizando os dois dentro de uma mesma teoria. Apesar de ser atribuído a esses dois predicados um sentido geral de “agentividade”, que parece ser equivalente nos dois casos, eles diferem em relação às estruturas em que são utilizados: ACT toma apenas um argumento, enquanto DO é um predicado biargumental.

Com o intuito de investigar as informações sobre o sentido dos verbos que possuem papel fundamental na estrutura sintática, ou seja, a representação lexical, mais especificamente, a representação lexical dos verbos agentivos do português brasileiro, nesta pesquisa, tomamos como objeto de estudo os dois predicados primitivos propostos na literatura para a representação desse tipo de verbo, ACT e DO. Questionamos se esses predicados primitivos são de fato equivalentes, se é necessário postular a existência de ambos ou qual deles é mais adequado para formular representações lexicais para os verbos agentivos. Vejamos alguns exemplos de representações lexicais para um verbo agentivo com base nesses predicados primitivos:

(31) *correr*: [X ACT <sub><CORRER></sub>]

(32) *correr*: **do'** (x, [**correr'** (x)])

Em (31), temos uma representação lexical para o verbo agentivo *correr* formada a partir do predicado primitivo ACT, proposta por Rappaport Hovav e Levin (1998). Em (32), temos

uma representação lexical para o mesmo verbo formada a partir do predicado primitivo DO (ou **do'**), proposta por Van Valin (1993). No Capítulo 2, explicaremos com detalhes cada tipo de representação proposta e também que tipos de propriedades semânticas são normalmente associados aos predicados ACT e DO.

Para analisar a representação lexical, fazemos um recorte no grupo dos verbos agentivos do português brasileiro, tomando como objeto de estudo somente verbos como *escrever, correr, pintar, chorar, costurar, caminhar, digitar e nadar* (ver Apêndice para lista completa dos verbos analisados). O que esses verbos agentivos têm em comum é denotar um evento classificado aspectualmente como atividade e possuir uma forma sintática intransitiva. Vejamos alguns exemplos de sentenças formadas com esses verbos:

- (33) O professor escrevia.
- (34) O atleta corria.
- (35) O Da Vinci pintava.
- (36) O bebezinho chorava.
- (37) A Maria Tereza costurava.
- (38) Os romeiros caminhavam.
- (39) A secretária digitava.
- (40) O César nadava.

De acordo com a classificação aspectual de Vendler (1967), que divide os verbos em quatro grupos (*accomplishments, achievements, estados e atividades*), esses verbos denotam eventos de atividade, definidos como eventos dinâmicos e durativos. Podemos confirmar o aspecto lexical desses verbos através de testes encontrados em Dowty (1979):

- (41) a. O professor escreveu por horas.  
 b. \*O professor escreveu em duas horas.  
 c. O professor estava escrevendo. (acarreta *o professor escreveu.*)
- (42) a. O atleta correu por horas.  
 b. \*O atleta correu em duas horas.  
 c. O atleta estava correndo. (acarreta *o atleta correu.*)
- (43) a. O Da Vinci pintou por horas.  
 b. \*O Da Vinci pintou em duas horas.  
 c. O Da Vinci estava pintando. (acarreta *o Da Vinci pintou.*)

- (44) a. O bebezinho chorou por horas.  
 b. \*O bebezinho chorou em duas horas.  
 c. O bebezinho estava chorando. (acarreta *o bebezinho chorou.*)
- (45) a. A Maria Tereza costurou por horas.  
 b. \*A Maria Tereza costurou em duas horas.  
 c. A Maria Tereza estava costurando. (acarreta *a Maria Tereza costurou.*)
- (46) a. Os romeiros caminharam por horas.  
 b. \*Os romeiros caminharam em duas horas.  
 c. Os romeiros estavam caminhando. (acarreta *os romeiros caminharam.*)
- (47) a. A secretária digitou por horas.  
 b. \*A secretária digitou em duas horas.  
 c. A secretária estava digitando. (acarreta *a secretária digitou.*)
- (48) a. O César nadou por horas.  
 b. \*O César nadou em duas horas.  
 c. O César estava nadando. (acarreta *o César nadou.*)

As sentenças em (a), em (41)-(48), mostram que esses verbos podem ser compostos na sentença com o sintagma *por x tempo*, que indica duratividade, propriedade de verbos que denotam eventos de atividade. Também, esses verbos não podem ser compostos na sentença com sintagmas que indicam pontualidade, do tipo *em x tempo*, como mostram as sentenças agramaticais em (b). Por último, as sentenças em (c) mostram que esses verbos podem ocorrer no progressivo, o que indica que são dinâmicos, em oposição a estativos, também característica de verbos de atividade. Além disso, as sentenças em (c) acarretam as sentenças correspondentes com os verbos no pretérito perfeito, também um teste que comprova o aspecto de atividade desses verbos.

Para verificar de fato que esses verbos são agentivos, ou seja, possuem um argumento classificado tematicamente como agente, também podemos utilizar alguns testes. Como propõe Jackendoff (1990), argumentos que entram em uma estrutura do tipo *o que x fez foi...* são caracterizados como agentes:

- (49) O que o atleta fez foi correr.  
 (50) O que o professor fez foi escrever.  
 (51) O que o bebezinho fez foi chorar.  
 (52) O que o Da Vinci fez foi pintar.

(53) O que os romeiros fizeram foi caminhar.

(54) O que a Maria Tereza fez foi costurar.

(55) O que o César fez foi nadar.

(56) O que a secretária fez foi digitar.

Também, segundo Cruse (1973) e Van Valin e Wilkins (1996), verbos agentivos não podem ocorrer com advérbios como *acidentalmente*:

(57) \*O atleta corria acidentalmente.

(58) \*O professor escrevia acidentalmente.

(59) \*O bebezinho chorava acidentalmente.

(60) \*O Da Vinci pintava acidentalmente.

(61) \*Os romeiros caminhavam acidentalmente.

(62) \*A Maria Tereza costurava acidentalmente.

(63) \*O César nadava acidentalmente.

(64) \*A secretária digitava acidentalmente.

A escolha desses verbos como objeto de estudo não foi aleatória. Em primeiro lugar, não existem estudos específicos sobre esses verbos no português brasileiro. Além disso, existem estudos em outras línguas que assumem que esses verbos formam uma única classe verbal, como Rappaport Hovav e Levin (1998) e Grimshaw (2005). Entretanto, Cañado e Godoy (2011) sugerem que esse não é o caso dos verbos do português brasileiro. Também se justifica a escolha desses verbos como objeto de estudo para o estudo de predicados primitivos como ACT e DO. Para o estudo desses predicados, ou seja, para verificar a relevância de se manter dois predicados desse tipo na lista dos predicados primitivos ou verificar qual deles é o mais adequado para a representação lexical, verbos desse tipo são ideais, pois possuem as propriedades semânticas normalmente associadas aos predicados ACT e DO na literatura, são agentivos e denotam eventos de atividade (DOWTY, 1979; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; VAN VALIN, 2005; WUNDERLICH, 2012). Além disso, como já realçamos, esse grupo de verbos possui comportamento sintático similar, pois todos ocorrem em formas intransitivas. Devido a esse interessante comportamento, acreditamos que esses verbos formam o grupo de dados ideal para verificarmos se os predicados ACT e DO são diferentes.

### 1.2.2 Hipótese, objetivos e justificativa

Autores como Rappaport Hovav e Levin (1998) e Grimshaw (2005), como já mencionamos, assumem que os verbos de atividade agentivos formam uma classe gramaticalmente relevante no inglês. Entretanto, de acordo com Cançado e Godoy (2011), pelo menos no português brasileiro, parece ser relevante a diferenciação dos verbos de atividade agentivos, pois eles não possuem comportamento sintático uniforme. Além disso, como muitos autores já mostraram, existem vários tipos de argumentos classificados como agente (CRUSE 1973; DOWTY, 1991; VAN VALIN; WILKINS, 1996; CANÇADO, 2010) e também existem diferentes tipos de verbos de atividade (DOWTY, 1979; VAN VALIN, 2005). Tal diferenciação entre os verbos de atividade agentivos, se for relevante para a gramática, deve ser levada em conta em uma proposta de representação lexical. Por isso, levantamos a seguinte hipótese:

- (65) Hipótese: é relevante se ter, para a representação dos verbos, dois predicados com valores semânticos distintos, ACT e DO, ao contrário do que é geralmente assumido na literatura (um ou outro, pois ambos possuem o mesmo valor semântico). Esses predicados serão utilizados para a formulação de diferentes representações lexicais para diferentes classes de verbos de atividade agentivos.

A fim de corroborar a hipótese levantada, esta pesquisa tem por objetivos específicos:

- a) Fazer um levantamento de verbos do português brasileiro que são de atividade, agentivos e que possuem formas intransitivas;
- b) Verificar se tais verbos formam uma classe uniforme através de suas propriedades semânticas e sintáticas;
- c) Propor representações lexicais para os verbos;
- d) Constatar se existe diferença entre os predicados primitivos ACT e DO e qual deles representa adequadamente os verbos em questão;

O objetivo geral desta pesquisa é contribuir para a pesquisa linguística através do estudo das representações lexicais, importantes para a formulação de regras e generalizações a respeito do comportamento sintático dos verbos.

Esta pesquisa se justifica em dois sentidos: em primeiro lugar, existem dois predicados primitivos propostos na literatura para representar verbos agentivos, ACT e DO, mas não existem estudos mostrando evidências de qual seria o mais adequado na representação desses verbos. Tendo em vista a importância das representações lexicais para o estudo da gramática de uma língua, se faz importante também propor representações que sejam mais adequadas. Assim, se justifica o estudo desses dois predicados primitivos. Tomemos como base para essa justificativa as palavras de Levin e Rappaport Hovav (2005, p. 77):

Em nossa estrutura de evento para um verbo de atividade, um predicado primitivo ACT é modificado por uma raiz de maneira, [...] uma análise que contrasta com a de Hale e Keyser (1993, 2002) para verbos semelhantes, que trata a raiz como um argumento de um predicado DO, grosso modo comparável com ACT, como em [x DO <JOG>]. [...] Nós não escolhemos uma das análises possíveis aqui, já que é necessário investigar as representações de tais verbos.<sup>3</sup>

Em segundo lugar, se faz importante o estudo de verbos de atividade agentivos na perspectiva da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, especialmente no português brasileiro. Como apontado por Levin (1999), esses verbos possuem comportamento mais variável que os verbos télicos e é importante estudá-los para descobrir quais propriedades semânticas estão envolvidas nessa variação. Por hipótese, acreditamos que essa variação seja um reflexo da existência de diferentes classes verbais em meio aos verbos de atividade agentivos. Além disso, tanto Van Valin (2005) como Rappaport Hovav e Levin (1998) apresentam representações semânticas para os verbos que, segundo eles, são representações possíveis, caminhos a serem seguidos. Por fim, para o português brasileiro, não existem estudos específicos sobre esses verbos; dessa maneira, justifica-se também o estudo de um grupo de verbos ainda não explorado.

---

<sup>3</sup> “In our event structure for an activity verb, a primitive predicate ACT is modified by a manner root, [...] an analysis which contrasts with Hale and Keyser’s (1993, 2002) analysis of comparable verbs, which treats the root as the argument of a predicate DO, roughly comparable to ACT, as in [x DO <JOG>]. [...] We do not choose between approaches here, since additional investigation into the representation of such verbs is needed.”

### 1.2.3 Metodologia

Este trabalho segue uma metodologia de pesquisa que envolve coleta de dados e a análise desses dados dentro de determinada perspectiva teórica. Outros trabalhos que utilizam o mesmo procedimento metodológico são Cançado (1995), Godoy (2008, 2012), Ciríaco (2007, 2011), Corrêa (2005) e outros trabalhos desenvolvidos no âmbito do NuPeS, sob orientação da Profa. Márcia Cançado. A seguir apresentamos a metodologia de pesquisa especificamente da maneira como foi aplicada na realização deste trabalho.

Para a coleta de dados, seguimos uma metodologia composta basicamente de duas etapas. A primeira etapa consiste na coleta de verbos através do dicionário de Borba (1990). Foram coletados verbos agentivos de atividade que possuem uma forma intransitiva a partir de testes que evidenciam essas propriedades sintáticas e semânticas, de acordo com o objeto de estudo proposto. A segunda etapa consiste na formulação de sentenças gramaticais e agramaticais com os verbos coletados. Foram construídas sentenças com todos esses verbos (ver Apêndice e exemplos ao longo da dissertação) e para o julgamento de gramaticalidade dessas sentenças foram utilizados os exemplos de Borba (1990), nossa intuição de falantes e buscas no site Google.

Essa metodologia de coleta de dados se justifica por dois motivos: primeiro, os dados coletados dessa forma nos permitem testar propriedades sintáticas e semânticas dos verbos (manipulando tempo, aspecto gramatical, número de argumentos, etc.); segundo, a nossa pesquisa se vale de testes que utilizam a agramaticalidade. Como a língua em uso não provê evidências negativas, uma teoria que se vale do que não ocorre na língua não pode utilizar dados de enunciados. Uma metodologia de coleta de dados como essa é também compatível com uma pesquisa de cunho formalista, que é de fato a orientação teórica desta pesquisa (sobre essa metodologia, ver também argumentação de LAPORTE, 2008).

Casos em que os verbos ocorrem em usos metafóricos não serão analisados. Será considerado o sentido do verbo no contexto sentencial apresentado no exemplo. O sentido relevante do verbo é aquele que é depreendido através da sentença, mais especificamente do SV.

Para a análise do objeto de estudo utilizamos testes sintáticos e semânticos e adotamos como abordagem teórica a decomposição de predicados como forma de representar o sentido lexical dos verbos. Os testes utilizados têm como objetivo evidenciar algumas propriedades semânticas e sintáticas dos verbos, que serão necessárias para a formulação de

suas representações lexicais. Além dos testes de aspecto lexical e agentividade que já apresentamos, utilizamos também outros testes, como a denotação de nomes relacionados aos verbos, paráfrases, acarretamento de argumentos, atribuição de papel temático, alteração de aspecto gramatical, a formação do particípio adjetival, a construção de sentenças passivas, ambiguidade de sentenças modificadas pelo advérbio *quase*, modificação de um verbo por outro verbo no gerúndio e a construção de diferentes tipos de sentenças com cada verbo. Os testes serão explicados à medida que forem sendo utilizados. A abordagem teórica adotada é detalhadamente explicada no Capítulo 2.

## 2 A DECOMPOSIÇÃO SEMÂNTICA EM PREDICADOS PRIMITIVOS

A decomposição semântica em predicados primitivos (ou simplesmente “decomposição de predicados”) é uma forma de representar o sentido por meio de uma estrutura de predicados e argumentos. Essa metodologia de análise surgiu com a Semântica Gerativa na década de 60 (LAKOFF, 1970; MCCAWLEY, 1968; MORGAN, 1969; ROSS, 1972) e é utilizada atualmente para a representação do sentido lexical dos verbos (CANÇADO, 2010; CANÇADO; AMARAL, 2010; CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY, AMARAL, 2012; DOWTY, 1979; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992 e trabalhos subsequentes; VAN VALIN, 2005; VAN VALIN; LAPOLLA, 1997; WUNDERLICH, 1997, 2012; dentre outros) e também para a representação do sentido de sentenças (DOWTY, 1979; GODOY, 2012; JACKENDOFF, 1990; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; STECHOW, 2001; dentre outros). Nesta dissertação, assumiremos as estruturas de decomposição de predicados como representação lexical, ou seja, as estruturas propostas com base em predicados primitivos e seus argumentos serão uma forma de representar as informações semânticas de cada item verbal presentes no léxico.

A decomposição de predicados, sob o ponto de vista lexical, parte do princípio de que o sentido dos verbos é composto por unidades menores de sentido. Essa ideia pode ser corroborada por algumas propriedades semânticas dos verbos. Vejamos alguns exemplos apontados por Lakoff (1970, p. 43):

- (1) O molho é grosso.
- (2) O molho engrossou.
- (3) O João engrossou o molho.<sup>4</sup>

De acordo com o autor, as sentenças acima são relacionadas e essa relação pode ser explicitada através das seguintes paráfrases<sup>5</sup>:

---

<sup>4</sup> Traduzidos dos exemplos de Lakoff (1970, p. 43):

1. The sauce is thick.
2. The sauce thickened.
3. John thickened the sauce.

<sup>5</sup> O termo “paráfrase” nesta dissertação não é utilizado de maneira trivial. Se uma sentença  $S_1$  é paráfrase de uma sentença  $S_2$ , então há uma relação de acarretamento mútuo entre essas sentenças, ou seja,  $S_1$  acarreta  $S_2$  e  $S_2$

(4) O molho engrossou. –|– O molho ficou grosso.

(5) O João engrossou o molho. –|– O João fez o molho ficar grosso.

A presença do adjetivo *grosso* nas paráfrases em (4) e (5) sugere que o sentido da sentença em (1) está contido no sentido das sentenças em (2) e (3). Dessa maneira, o que observamos através dos exemplos de Lakoff (1970) é que o verbo *engrossar* parece ser composto por diferentes unidades de sentido: o estado de *ser grosso*, uma mudança (explícita nas paráfrases em (4) e (5) pelo verbo *ficar*) e uma causação (explícita na paráfrase em (5) pelo verbo *fazer*).

Outra evidência da composicionalidade dos verbos é a ambiguidade de sentenças com o advérbio *quase* (DOWTY, 1979; MORGAN, 1969; STECHOW, 1995). A ambiguidade gerada por esse advérbio tem origem no fato de que ele pode incidir sobre partes diferentes do sentido de um mesmo verbo, possuindo múltiplas possibilidades de escopo. A partir da análise desse tipo de ambiguidade, conclui-se que existem diferentes unidades de sentido dentro do sentido de um verbo sobre as quais um determinado advérbio pode incidir. Vejamos um exemplo de sentença ambígua com o advérbio *quase*:

(6) A mãe quase esfriou a sopa do bebê.

A sentença em (6) é ambígua, pois pode ser que a mãe não tenha nem agido com o objetivo de esfriar a sopa do bebê ou pode ser que a mãe tenha agido com esse objetivo, tenha tentado esfriar a sopa do bebê ou feito algo para esfriar a sopa do bebê, mas o resultado final, a sopa no estado de fria, não foi obtido. A primeira interpretação ocorre se o advérbio *quase* tem escopo sobre todo o evento denotado pelo verbo e a segunda interpretação ocorre se o advérbio tem escopo apenas sobre a mudança de estado, contida no sentido do verbo.

Na decomposição de predicados, esses elementos de sentido menores presentes nos sentidos dos verbos, como o estado de *ser grosso* em *engrossar* e as diferentes partes do sentido sobre as quais um advérbio pode ter escopo, são representados em uma estrutura de predicados e argumentos. Essas estruturas são formadas a partir de três tipos de componentes: predicados primitivos, variáveis e raízes. Os predicados primitivos são elementos semânticos recorrentes no sentido de vários verbos e pertencem a um grupo finito de itens que são

---

acarreta S<sub>1</sub> (CANÇADO, 2012; CANN, 1993). Seguindo Cann (1993), utilizamos o símbolo –|– para indicar a relação de paráfrase entre duas sentenças.

capazes de identificar todas as propriedades semânticas relevantes para a formação das classes verbais. Por exemplo, um predicado primitivo amplamente utilizado por vários pesquisadores, é BECOME<sup>6</sup>. Esse predicado indica mudança e é utilizado para representar esse componente de sentido em várias classes verbais, como mudança de estado, mudança de lugar e mudança de posse (CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY, AMARAL, 2012; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998) e em construções resultativas do inglês (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998). O elemento de *mudança*, presente no sentido de *engrossar* e vários outros verbos, pode ser representado pelo predicado primitivo BECOME (os predicados primitivos são sempre escritos em caixa alta). Vale ressaltar que os predicados primitivos podem ser parafraseados por itens da língua, mas não são correspondentes a eles<sup>7</sup>. Por exemplo, BECOME pode ser parafraseado por *tornar-se* em português (*a empresa se estatizou/ a empresa tornou-se estatal*), entretanto, alguns verbos de mudança de estado são mais bem parafraseados por uma sentença com o verbo *ficar*: *a Maria se preocupou/?a Maria tornou-se preocupada/a Maria ficou preocupada e a sopa esfriou/?a sopa tornou-se fria/a sopa ficou fria* (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012).

Como itens predicadores, os predicados primitivos são insaturados e carecem de argumentos para serem saturados. Os argumentos que saturam os predicados primitivos podem ser de três tipos: variáveis, raízes, ou estruturas com outros predicados já saturados. As variáveis (representadas por letras maiúsculas, como X, Y, Z, etc.) são os argumentos do verbo, ou seja, representam lugares a serem ocupados. As raízes (notadas em caixa alta, itálico e entre colchetes angulados) são informações semânticas presentes nos verbos que não são compartilhadas por outros membros da mesma classe verbal, ou seja, informação semântica idiossincrática que não é recorrente nos sentidos dos vários verbos. Cada raiz pertence a uma categoria ontológica, como STATE ‘estado’, EVENT ‘evento’, THING ‘coisa’, MANNER ‘maneira’, PLACE ‘lugar’ (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005) e essas categorias são dadas em uma pequena lista, ou seja, existe um número limitado de categorias ontológicas. Por exemplo, no caso do verbo *engrossar*, sabemos que o estado de *ser grosso* é um componente semântico específico desse verbo, não sendo compartilhado por outros verbos de mudança de estado, como *preocupar* e *esfriar* que exemplificamos acima (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012). Assim, na representação lexical do verbo

<sup>6</sup>As estruturas de decomposição de predicados são mantidas em inglês, como originalmente propostas, por convenção e para explicitar o seu caráter universal (por exemplo, é assumido que o predicado primitivo BECOME possui o mesmo sentido e a mesma função independentemente da língua sendo analisada; PINKER, 1989).

<sup>7</sup> Os itens da língua inglesa, como BECOME e outros, são utilizados como metalinguagem na representação de elementos semânticos. São, por isso, chamados também de metapredicados.

*engrossar* (assumindo uma forma intransitiva como em *o molho engrossou*) haverá o predicado primitivo BECOME, a variável Y, que indica o argumento do verbo, e a raiz <GROSSO>, cuja categoria ontológica é STATE (os colchetes representam a delimitação de um evento):

(7) *engrossar*: [BECOME Y <GROSSO>] (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012)

Em Cançado, Godoy e Amaral (2012), BECOME é analisado como um predicado de um lugar e a raiz <GROSSO> é insaturada, sendo também um predicado de um lugar. Dessa maneira, <GROSSO> toma Y como argumento e BECOME toma Y <GROSSO> como argumento<sup>8</sup>. A estrutura em (7), sendo uma estrutura saturada, pode ser argumento de outro predicado primitivo, como CAUSE, que pode ser utilizado para representar o elemento semântico de *causação* presente em um verbo como *engrossar* na forma transitiva (como em *o João engrossou o molho*):

(8) *engrossar*: [[X] CAUSE [BECOME Y <GROSSO>]] (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012)

As raízes podem também funcionar como modificadores, além de funcionarem como argumentos dos predicados primitivos e como predicados. É o caso, por exemplo, das raízes de ontologia MANNER, quando ocorrem modificando o predicado primitivo ACT, que toma um argumento, a variável X (os modificadores são notados em subscripto):

(9) *escrever*: [X ACT <sub><ESCREVER></sub>]

Além disso, algumas raízes podem pertencer a mais de um tipo ontológico, segundo Levin e Rappaport Hovav (1995, 2005). Essa proposta será interessante na análise dos verbos tradicionalmente conhecidos como verbos de criação, como *escrever*, que apresentamos no Capítulo 3.

Podemos também utilizar a decomposição de predicados para representar o sentido de classes de verbos. A única diferença entre essas representações e a representação

---

<sup>8</sup> Para mais detalhes sobre a representação lexical de verbos como esse e para a explicação de como as estruturas de decomposição de predicados se projetam na sintaxe no caso de verbos alternantes como *engrossar*, ver Cançado e Amaral (2010), Cançado e Godoy (2012) e Cançado, Godoy e Amaral (2012).

para um verbo específico é que a categoria ontológica da raiz (que é compartilhada por todos os verbos de uma classe) vem no lugar do nome da raiz:

(10) *verbos de mudança de estado*: [BECOME Y <STATE>]

(11) *verbos de maneira*: [X ACT <MANNER>]

As estruturas de decomposição de predicados explicitam, assim, as propriedades semânticas que compõem o sentido de um verbo. Dentre essas propriedades, se evidenciam aquelas que dividem e agrupam os verbos em classes e que são relevantes para a realização dos argumentos na sintaxe. Como mostramos, os predicados primitivos e a categoria ontológica das raízes são os elementos recorrentes em diferentes verbos e as raízes são o conteúdo semântico idiossincrático presente em cada item verbal. Dessa maneira, as propriedades semânticas relevantes para a formação das classes verbais são representadas por predicados primitivos e pela categoria ontológica das raízes e as propriedades semânticas dos verbos que não possuem tal relevância não são representadas explicitamente, estando contidas na raiz de cada verbo em particular. Por exemplo, no caso do verbo *engrossar*, as propriedades gramaticalmente relevantes são representadas por BECOME e <STATE>, ou seja, a mudança e o fato de que essa é uma mudança de estado. Assim, *engrossar* compartilha com vários outros verbos a propriedade semântica de denotar uma mudança de estado (*esquentar, avermelhar, empobrecer, preocupar, estatizar, esfriar, etc.*; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012), o que define o comportamento sintático de seus argumentos, mas não compartilha com os outros verbos de mudança de estado o estado final que muda, a mudança ser para o estado de grosso. Essa informação, presente na raiz, conterà as restrições seletivas do verbo, determinará seu campo semântico, entre outras funções que possa ter, mas não determinará a realização sintática dos argumentos do verbo, nem a classe à qual ele pertence.

Uma das maiores vantagens da decomposição de predicados é justamente a distinção entre esses dois tipos de informação semântica presentes no léxico: a informação estrutural (propriedades semânticas compartilhadas pelos verbos de uma mesma classe) e a informação idiossincrática (propriedades semânticas específicas de um verbo). Essa distinção, ausente em representações lexicais baseadas em papéis temáticos, permite que as generalizações sejam mais bem formuladas (ver, por exemplo, CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012, que mostram que os verbos psicológicos não formam uma classe, pois o fato de ser psicológico é uma informação presente na raiz). Assumindo a proposta de Levin e

Rappaport Hovav (2005), chamamos as representações das classes, como as em (10) e (11), de “estruturas de evento”. As estruturas de evento são isentas de informações idiossincráticas e contêm apenas as informações semânticas comuns aos verbos de uma mesma classe. As estruturas específicas de cada verbo, como as em (7)-(9), são chamadas de “representações lexicais” e contêm todas as informações semânticas de um item verbal presentes no léxico.

As estruturas de evento e representações lexicais obedecem a algumas restrições de boa formação. Uma dessas restrições é que cada estrutura comporta apenas uma raiz (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 2010). Outra restrição é que os predicados estejam devidamente saturados por argumentos dos quais necessitam e que sejam semanticamente compatíveis. Vejamos alguns exemplos para explicitar melhor as condições de boa formação dessas estruturas:

(12) \**v*: [[*x* ACT <sub><MANNER></sub>] CAUSE [BECOME [*y* <STATE>]]] (adaptado de RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 208)

(13) \**v*: [CAUSE [BECOME *Y* <STATE>]]

(14) \**v*: [BECOME [*x* ACT <sub><MANNER></sub>]] (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 125)

A estrutura em (12) é utilizada por Rappaport Hovav e Levin (1998) para representar verbos de maneira em construções resultativas, como *Phil swept the floor clean* ‘Phil varreu o chão até que ficasse limpo’. Nesses casos, o estado final, a raiz <STATE> do segundo subevento, é explicitamente projetado na sintaxe através do adjetivo *clean*. Na proposta das autoras, a estrutura em (12) é, na verdade, uma estrutura de dois predicados, o verbo *sweep* e o adjetivo *clean*, de forma que cada raiz apresentada corresponde a um desses predicados. Na estrutura de evento ou representação lexical de um único predicado (como representamos através da letra *v* para verbo em (12)) nunca ocorrerão duas raízes diferentes (por isso marcamos a estrutura com \*). Em (13), mostramos um exemplo de estrutura mal formada pela falta de saturação de um predicado. Sabemos que CAUSE é um predicado primitivo de dois lugares, assim, uma estrutura em que falte um argumento de CAUSE não será bem formada. Em (14), temos um exemplo de estrutura em que todos os predicados primitivos estão saturados; entretanto, a estrutura [*X* ACT <sub><MANNER></sub>] não pode ser argumento de BECOME por questões de compatibilidade semântica. O predicado BECOME pede um argumento que denote um resultado e [*X* ACT <sub><MANNER></sub>] denota uma ação. A estrutura em (14) é ruim, então, por uma questão de restrição seletional do predicado BECOME.

Outro ponto que também podemos elencar como grande vantagem da decomposição de predicados é que as estruturas abarcam todas as informações semânticas sobre o evento denotado pelo verbo. Duas dessas informações são o aspecto lexical dos verbos e o papel temático de seus argumentos. De acordo com autores como Dowty (1979), Jackendoff (1990) e Cançado, Godoy e Amaral (2012), essas informações semânticas são derivadas da representação lexical. Tomemos como exemplo o verbo *esfriar* na forma intransitiva para mostrar como ocorre a derivação dessas propriedades semânticas:

(15) *esfriar*: [BECOME Y <FRIO>]

BECOME denota uma mudança e, em composição com uma raiz da categoria ontológica STATE, forma um evento que denota uma mudança de estado. Eventos de mudança de estado são pontuais, culminam em um ponto final; dessa maneira, são classificados como *achievements* (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012; DOWTY, 1979; ROTHSTEIN, 2004). Quanto ao papel temático, sabemos que Y sofre uma mudança de não frio para frio. Argumentos que sofrem uma mudança podem ser caracterizados como pacientes (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012).

O conteúdo da raiz também pode contribuir para a derivação do aspecto lexical e do papel temático. Como argumentam Cançado, Godoy e Amaral (2012), verbos psicológicos como *preocupar* são verbos de mudança de estado, com a mesma estrutura de evento do verbo *esfriar*. Entretanto, o argumento interno desse tipo de verbo psicológico é caracterizado na literatura como experienciador, e não como paciente, pois o estado final denotado pela raiz desses verbos é um estado psicológico. Também no aspecto lexical pode haver influência de informações semânticas da raiz, como argumenta Harley (2005)<sup>9</sup>. Alguns verbos, como *esfriar*, se comportam tanto como *accomplishments* quanto como atividades em alguns testes de aspecto lexical e são chamados por Dowty (1979) de *degree achievements*:

(16) O João esfriou a sopa em/por 10 minutos.

A possibilidade de ocorrência com o sintagma *por 10 minutos* é atribuída ao caráter gradativo do adjetivo *frio*, ou seja, existe uma “escala de frieza” do menos frio para o mais frio e essa

---

<sup>9</sup> Harley (2005) desenvolve sua argumentação sobre aspecto lexical com base em uma proposta de representação lexical sintática, entretanto, as afirmações da autora são pertinentes também em uma proposta de representação lexical como a adotada nesta dissertação.

escala parece ser relevante para a interpretação final do aspecto em sentenças com o verbo *esfriar* (RAPPAPORT HOVAV, 2008). A diferença entre verbos de atividade e verbos semelfactivos é também atribuída às raízes, já que em uma mesma classe verbal parece ser possível ocorrerem verbos dos dois tipos aspectuais (HARLEY, 2005; LEVIN, 1999). O fato de que as raízes podem contribuir nas classificações aspectual e temática não faz com que elas sejam relevantes para a projeção dos argumentos na sintaxe. Cançado, Godoy e Amaral (2012) mostram, ainda, que verbos psicológicos de objeto experienciador possuem comportamento sintático idêntico ao de verbos de mudança de estado, sendo irrelevante, desse ponto de vista, a distinção entre os papéis temáticos de paciente e experienciador. Levin (1999) e Harley (2005) mostram também que, com relação ao comportamento sintático, não faz sentido distinguir os verbos semelfactivos dos verbos de atividade.

Tendo explicitado o funcionamento da decomposição de predicados como forma de representação lexical, apresentamos agora alguns elementos que serão fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação. Em primeiro lugar, mostramos o predicado primitivo CAUSE, item recorrente em todos os trabalhos que assumem a decomposição de predicados e muito importante na representação lexical. Em seguida, mostramos o que existe na literatura sobre os predicados primitivos ACT e DO, que não possuem definições claras como o predicado primitivo CAUSE e que não são recorrentes nas propostas dos diferentes autores. No Capítulo 3, tentaremos, através da análise dos nossos dados, estabelecer a estrutura desses predicados de maneira mais precisa, a fim de poder utilizá-los adequadamente na representação lexical dos verbos analisados.

## 2.1 O predicado primitivo CAUSE

A definição de causação mais recorrente na literatura é aquela que relaciona essa noção à noção de multiplicidade de eventos, quando se trata do componente semântico de causação presente no sentido de um verbo:

- (17) “Sempre que um verbo especifica múltiplos eventos, esses eventos mantêm uma relação de causação entre si.” (PINKER, 1989, p. 197).<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> “Whenever a verb specifies multiple events, they stand in some causal relation to one another.”

Assumimos essa noção de causação e assumimos também que a função básica do predicado primitivo CAUSE é relacionar dois eventos descritos por único verbo. O evento denotado por um verbo que possui CAUSE em sua representação lexical é chamado de “evento complexo” e os eventos que compõem esse evento complexo são chamados de subeventos (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1999). Mostramos abaixo a representação lexical do verbo *esfriar* na forma transitiva, que contém o predicado primitivo CAUSE:

(18) *esfriar*: [[X] CAUSE [BECOME Y <FRIO>]]

O primeiro subevento de *esfriar* é representado por [X], ou seja, é uma variável que pode ser um agente ou uma causa. O segundo subevento de *esfriar* é a mudança de estado, a subestrutura [BECOME Y <FRIO>].

A ambiguidade de escopo de advérbios como *quase*, que mostramos na seção anterior, serve como diagnóstico para identificar a presença do predicado primitivo CAUSE, pois identifica verbos que denotam eventos complexos. A ambiguidade gerada por esses advérbios tem origem no fato de que eles podem incidir sobre um ou outro subevento ou, ainda, sobre o evento complexo, possuindo múltiplas possibilidades de escopo. Assumindo que todo evento complexo é um evento causativo, podemos atribuir a verbos que formam sentenças ambíguas com *quase* representações lexicais que contenham o predicado primitivo CAUSE.

Além da questão da multiplicidade de eventos que um verbo denota, está também relacionada ao predicado CAUSE uma noção de temporalidade. Desde Dowty (1979), assume-se que os subeventos relacionados causalmente mantêm entre si certa distância temporal, ou seja, não ocorrem ao mesmo tempo. Em uma relação de causação, o primeiro subevento deve ser temporalmente antecedente ao segundo subevento (DOWTY, 1979; PARSONS, 1990; PUSTEJOVSKY, 1995; WUNDERLICH, 1997).

Alguns autores, como Goldberg (2010) e Wunderlich (2012), argumentam que pode haver verbos que denotam eventos complexos em que os subeventos não são relacionados por CAUSE, mas mantêm uma relação temporal de concomitância. Entretanto, Levin e Rappaport Hovav (1999) argumentam que, mesmo que conceitualmente possa parecer que um verbo é composto por dois subeventos concomitantes, sua representação lexical comporta apenas um evento, chamado de evento simples, não composto por subeventos. Vejamos um exemplo:

(19) A Maria correu até a casa da Joana.

Levin e Rappaport Hovav (1999) mostram que em sentenças como a em (19) podemos distinguir conceitualmente dois eventos: a Maria correr e a Maria estar na casa da Joana. Entretanto, linguisticamente, *correr* denota sempre um evento simples, pois, mesmo em sentenças com uma trajetória, não ocorre ambiguidade com *quase*:

(20) A Maria quase correu até a casa da Joana.

Para essa sentença, a única interpretação possível é que a Maria não agiu. Não existe uma interpretação em que a Maria age, mas não alcança o resultado de estar na casa da Joana. Essa é uma evidência, então, de que o verbo *correr* é composto de apenas um subevento sobre o qual o advérbio pode ter escopo. Assumimos nesta dissertação a proposta de Levin e Rappaport Hovav (1999) de que todos os eventos complexos são causativos, ou seja, os verbos que denotam eventos complexos possuem CAUSE em sua representação lexical.

Como estamos definindo CAUSE como um item primitivo, um componente semântico presente no sentido de alguns verbos, faz-se necessário distingui-lo de outras noções de causa que não estão relacionadas ao predicado primitivo CAUSE. Uma delas é o próprio verbo *causar*. Como já apontamos, os predicados primitivos não são correspondentes a itens lexicais da língua. Apesar de o verbo *causar* poder funcionar como paráfrase de CAUSE, a semântica do predicado primitivo não cobre todas as instâncias possíveis do que chamamos de “causa” (GODOY, 2012; PARSONS, 1990; WUNDERLICH, 2012). Vejamos alguns exemplos que mostram que o verbo *causar* não corresponde a um elemento de sentido CAUSE presente no sentido de um verbo:

(21) A falta de organização da delegacia causou o desaparecimento de documentos importantes.

(22) \*A falta de organização da delegacia desapareceu documentos importantes.

Além disso, é importante também distinguir o predicado CAUSE do papel temático de causa (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012; PARSONS, 1990). O papel temático de causa não é uma relação entre eventos como o predicado CAUSE. Segundo Cançado (2012), o papel temático de um argumento é a função semântica que ele desempenha

em determinada sentença e, inclusive, pode depender de elementos externos ao verbo, como adjuntos. Para corroborar essa diferenciação, podemos citar exemplos de verbos que possuem argumentos com papel temático de causa, mas cujas representações lexicais não possuem o predicado primitivo CAUSE:

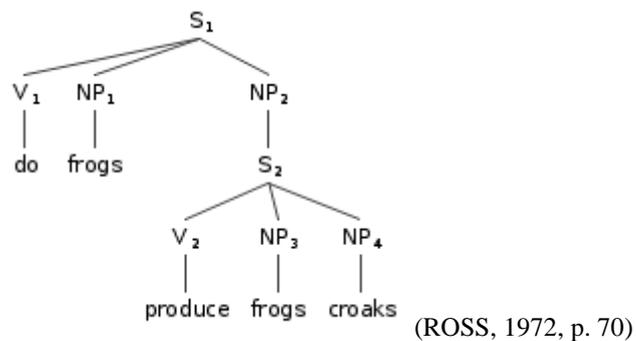
(23) O terremoto chacoalhou o prédio.

Em (23), o argumento *o terremoto* é tematicamente classificado como uma causa, pois desencadeia o evento. Porém, o verbo *chacoalhar* não possui CAUSE em sua estrutura, pois não forma sentenças ambíguas com *quase* (AMARAL, 2010, 2011).

## 2.2 Os predicados primitivos ACT e DO

Os predicados primitivos ACT e DO na teoria semântica surgem a partir do trabalho de Ross (1972), no âmbito da Semântica Gerativa. O autor propõe que todo verbo de ação está encaixado em uma estrutura de um predicado de dois lugares, cujo sujeito é idêntico ao sujeito do verbo de ação e cuja realização fonológica em inglês é *do*. Na Semântica Gerativa, a representação semântica é a própria estrutura profunda, em forma de árvore sintática, que sofre transformações e se torna a estrutura sintática superficial da sentença. Dessa forma, na proposta de Ross (1972), uma sentença como *frogs produce croaks* ‘sapos produzem coaxos’ teria uma representação semântica (ou estrutura profunda) como:

(24)



Uma estrutura como a em (24) sofre, de acordo com a teoria, diversas transformações, de forma que *do* é apagado e não estará presente na estrutura superficial da sentença e, assim, esse verbo não é realizado fonologicamente. A estrutura argumental de *do*, como propõe Ross (1972) em uma estrutura como a acima, é composta por dois argumentos: um sujeito SN animado (NP<sub>1</sub>) e um objeto SN que denota uma atividade (NP<sub>2</sub>).

Apesar de não diferenciar explicitamente o *do* subjacente do próprio verbo *do* do inglês, Ross (1972) relaciona esse elemento a um elemento de sentido mais abstrato presente no sentido de verbos de ação. Segundo o autor, *do* é a realização de um predicado semântico abstrato de dois lugares que relaciona um agente e um evento na forma lógica de sentenças de ação (em consonância com a proposta de DAVIDSON, 1967).

A partir da proposta de Ross (1972), vários autores assumiram a ideia de que existem predicados primitivos específicos presentes na representação semântica dos verbos de ação, chamados também de verbos agentivos, seguindo a nomenclatura da literatura mais recente. Alguns autores mantiveram a ideia de Ross (1972) sobre o verbo *do* e propuseram o predicado primitivo DO, que não seria o próprio verbo *do* da língua, mas que conteria propriedades semânticas semelhantes às atribuídas ao próprio verbo por Ross (1972). Outros autores assumiram somente a ideia de Ross (1972) de que os verbos de ação teriam o mesmo componente semântico em sua representação, traduzido pelo predicado primitivo ACT.

Dowty (1979) reformula o *do* subjacente de Ross (1972) em um predicado primitivo DO. O autor preocupa-se mais com a representação das classes aspectuais, usando assim os predicados primitivos como operadores. Em sua proposta, estados são elementos básicos e *accomplishments*, *achievements* e atividades são produtos da operação de elementos como DO, CAUSE e BECOME sobre esses estados. Dessa forma, DO é concebido como um operador aspectual que opera sobre estados dando origem a atividades.

Como exemplo, Dowty (1979) cita a diferença entre verbos como *look at* ‘olhar’, que denotam atividades, e *see* ‘ver’, que denotam estados. Como esses dois verbos possuem sentidos muito próximos, o autor propõe que o verbo *look at* é o resultado da operação de DO sobre o verbo *see* e, assim, a única diferença semântica entre esses verbos estaria no operador DO. Mas, além do aspecto lexical, outras propriedades semânticas parecem diferenciar os verbos *look at* e *see*. Segundo Dowty (1979), *look at* é um verbo que denota uma atividade e é agentivo, pois alguém que olha, o faz volitivamente; enquanto *see* é um verbo que denota um estado e não é agentivo, pois alguém que vê, não o faz volitivamente. Em uma primeira análise, então, o autor conclui que, se o operador DO é o que diferencia *look at* de *see*, DO

está associado às noções de volição e agentividade, pois esses elementos semânticos distinguem verbos de atividade como *look at* de verbos de estado como *see*.

Entretanto, Dowty (1979) atribui também a DO a diferença entre estados como *John is a fool* ‘John é um tolo’ e atividades como *John is being a fool* ‘John está sendo um tolo/ John está agindo como um tolo’, em que, segundo o próprio autor, não estão envolvidas as noções de volição e agentividade. Por exemplo, é possível formar sentenças como *John is unintentionally being a fool* ‘John está sendo um tolo/ agindo como um tolo sem intenção’, em que John não é agente e não age volitivamente. Dessa maneira, levando em conta também exemplos como esse, Dowty (1979) reformula a semântica que propôs para DO, assumindo que esse item não está associado às noções de volição e agentividade, mas a uma noção de controle não mediado da situação. A definição que Dowty (1979, p. 118) atribui a DO é:

(25) DO ( $\alpha$ ,  $\varphi$ ) é verdade se o evento descrito por  $\varphi$  está sob o controle não mediado do indivíduo  $\alpha$ .<sup>11</sup>

A diferença entre as propostas de Ross (1972) e de Dowty (1979) está basicamente na semântica proposta para o item DO. Para Ross (1972), *do* está intrinsecamente relacionado a ação e agentividade, mas para Dowty (1979), essas noções não estão relacionadas a esse predicado e a principal função desse item é ser um operador aspectual, ainda que seja atribuída a ele uma definição com base na noção de controle. Apesar de reformular a semântica do *do* de Ross (1972), Dowty (1979) mantém em seu trabalho a ideia de que esse predicado relaciona um agente (ou indivíduo) e um evento.

Dowty (1979) também propõe um predicado ACT, que seria um predicado de um lugar que pede um argumento animado e agente, diferente de DO, um predicado de dois lugares que pede um primeiro argumento indivíduo (não necessariamente animado) e um segundo argumento sentencial (que denota um evento). Em seu trabalho, o autor não utiliza os predicados primitivos ACT e DO de maneira sistemática, como faz com CAUSE e BECOME (ACT ainda menos que DO, sendo citado algumas vezes ao longo do livro como uma possível solução para casos em que DO não parece ser a representação ideal). O autor define e discute as propriedades semânticas de DO, entretanto, não atribui a esse elemento um papel importante na representação, chegando a questionar se esse metapredicado seria realmente relevante.

---

<sup>11</sup> “[DO ( $\alpha$ ,  $\varphi$ )  $\leftrightarrow$   $\varphi$   $\wedge$  is under the unmediated control of the agent ( $\varphi$ )]”

A partir da proposta de Dowty (1979), vários autores passam a assumir também que o aspecto lexical de atividade está relacionado ao elemento DO ou a um predicado primitivo ACT correspondente a DO (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; VAN VALIN, 1993, 2005; WUNDERLICH, 2012). Na proposta da Gramática do Papel e da Referência (Role and Reference Grammar (RRG); VAN VALIN, 1993, 2005 e outros trabalhos; VAN VALIN; LAPOLLA, 1997), por exemplo, os verbos são analisados em termos de um sistema de decomposição lexical em que, semelhantemente à proposta de Dowty (1979), estados são predicados básicos e as outras classes aspectuais são derivadas a partir da operação de itens como **do'**, CAUSE e BECOME sobre estados. Nessa proposta representacional, o predicado **do'** é explicitamente relacionado ao aspecto lexical de atividade, sendo desassociado das noções de agentividade e controle. Como Dowty (1979) esboça em seu trabalho, apesar de não resolver essa questão explicitamente, as noções de atividade e agentividade devem ser desassociadas, pois nem todos os verbos de atividade são agentivos. Assumindo essa ideia, a proposta da RRG é distinguir explicitamente dois tipos distintos de predicados: um que representa atividade (**do'**) e outro que representa agentividade (DO).

Na proposta da RRG, todas as representações de verbos de atividade contêm o elemento **do'**:

(26) *chorar*: **do'** (x, [**chorar'** (x)])<sup>12</sup>

(27) *comer*: **do'** (x, [**comer'** (x, (y))])

Para a representação da agentividade, é utilizado o operador DO, diferente de **do'**, que opera sobre as estruturas de decomposição de predicados:

(28) *rolar* (em *a bola rolou*): **do'** (x, [**rolar'** (x)])

(29) *rolar* (em *o menino rolou*): DO (**do'** (x, [**rolar'** (x)]))

O predicado **do'** da RRG se assemelha ao DO proposto por Dowty (1979), pois é intrinsecamente relacionado à noção de atividade. Entretanto, na RRG, esse predicado não é associado à noção de controle e tem uma importância clara, definindo uma classe aspectual e

---

<sup>12</sup> A notação utilizada nas representações da RRG difere da notação utilizada neste trabalho. Nas representações da RRG, predicados são notados em negrito e seguidos de apóstrofo, operadores são notados em caixa alta, os argumentos são notados entre parênteses e os colchetes delimitam a parte da estrutura que contém o sentido idiossincrático do verbo.

tendo grande importância na teoria de *linking* dos argumentos proposta, que é definida em termos de uma hierarquia de argumentos de predicados como **do'** e DO.

Também Rappaport Hovav e Levin (1998) e Grimshaw (2005) assumem uma relação entre predicado primitivo e aspecto lexical. Rappaport Hovav e Levin (1998) utilizam o predicado ACT modificado por uma raiz de maneira para representar verbos de atividade como *run* 'correr':

(30) [x ACT <MANNER>] (activity) (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 108)

No caso de verbos de atividade biargumentais, como *sweep* 'varrer', Rappaport Hovav e Levin (1998) assumem que o segundo argumento é um argumento da raiz (chamada de constante) e que o evento continua sendo representado pelo predicado primitivo ACT que toma apenas um argumento:

(31) *sweep*: [x ACT <SWEEP> y] (*Phil swept the floor/Phil swept*)  
(RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 114)

Nos dois casos, transitivo ou intransitivo, a sentença com o verbo *sweep* denota uma atividade, o que justifica a representação das autoras.

Um ponto muito importante para esta dissertação, presente no trabalho de Rappaport Hovav e Levin (1998) e de Levin e Rappaport Hovav (2005) é uma breve comparação entre os predicados primitivos ACT e DO. Segundo as autoras, outras representações para verbos de atividade, diferentes da proposta por elas, poderiam ser formadas a partir do predicado DO tomando a raiz como argumento. Por exemplo, enquanto as autoras representam *laugh* 'rir' como [x ACT <LAUGH>], essas outras propostas representariam o mesmo verbo como [x DO <LAUGH>]. A abordagem em termos de DO recebe suporte das propostas de Hale e Keyser (1993, 2002), que sugerem que verbos como *laugh* são compostos por um verbo abstrato e uma raiz na posição de complemento. Porém, no ponto de vista das autoras, uma representação como essa não parece apropriada para a representação de verbos de atividade com mais de um argumento, como *sweep*<sup>13</sup>. Como em sua proposta a unificação de todos os verbos de atividade, monoargumentais e biargumentais, é um ponto crucial, as autoras preferem adotar uma representação em termos de ACT, que

<sup>13</sup> Apesar dessa argumentação, na proposta da RRG, os verbos de atividade biargumentais são representados em estruturas com o predicado primitivo **do'**.

também é capaz de abarcar os argumentos da raiz em uma representação como a em (31). Como apontamos no Capítulo 1, Levin e Rappaport Hovav (2005) assumem que ainda é necessário realizar pesquisas que apontem qual dessas representações é a mais adequada para os verbos de atividade.

Muito semelhante à proposta de Rappaport Hovav e Levin (1998) é a proposta de Grimshaw (2005). A autora também assume que o predicado ACT está relacionado a uma noção aspectual e à ideia de que verbos de atividade biargumentais possuem um argumento que é da parte idiossincrática do sentido do verbo (chamada de conteúdo no trabalho da autora). Vejamos em (32) a representação que a autora propõe para verbos de atividade como *study* ‘estudar’:

$$(32) \textit{study} ( \underset{\substack{| \\ \textit{x acts}}}{\textit{x}} \quad \textit{(y)})^{14}$$

(GRIMSHAW, 2005, p. 81.)

Diferentemente de Dowty (1979), dos trabalhos da RRG, de Rappaport Hovav e Levin (1998) e de Grimshaw (2005), Brousseau e Ritter (1991) e Pinker (1989) não definem os predicados primitivos em termos de noções aspectuais. Em seu trabalho, Brousseau e Ritter (1991) procuram representar a diferença entre o que elas chamam de verbos de causa direta e verbos de causa indireta por meio de dois predicados primitivos distintos: DO e CAUSE. DO é incluído na representação semântica de verbos que selecionam um argumento que é diretamente responsável pela ação (verbos de causa direta), assim como propõe Dowty (1979), ou seja, o evento está sob o controle não mediado do argumento de DO. O predicado CAUSE faz parte da representação de verbos que selecionam um argumento apenas indiretamente responsável pelo evento (verbos de causa indireta), ou seja, o argumento de CAUSE é um tipo de agente que controla o evento apenas indiretamente, como, por exemplo, por meio de um instrumento. No caso de verbos que especificam o instrumento da ação, como *cortar*, enquanto o instrumento em posição de sujeito é a causa direta e é argumento de DO (em sentenças como *a faca cortou a corda*), o agente é uma causa indireta (que age no instrumento, que, por sua vez, age na corda) e é argumento de CAUSE (em sentenças como *o*

<sup>14</sup> A notação utilizada por Grimshaw (2005) também difere da notação utilizada neste trabalho. Na representação proposta pela autora, o predicado primitivo é notado abaixo do verbo, os argumentos são notados entre parênteses, uma linha liga o argumento da estrutura nos dois níveis da representação e o argumento da raiz aparece apenas no primeiro nível.

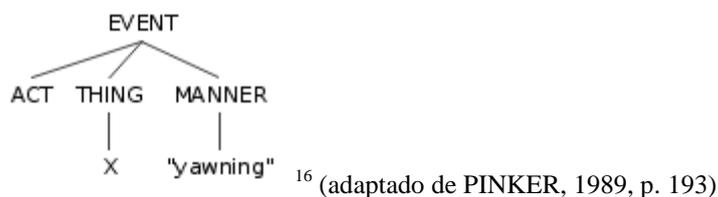
*João cortou a corda com a faca*). As autoras também utilizam a distinção entre CAUSE e DO para explicar as diferenças entre dois tipos de alternância transitivo-intransitiva do francês, com e sem o clítico *se*. Dessa forma, na proposta das autoras, DO é um predicado bem amplo, assim como CAUSE, utilizado na representação de várias classes verbais, relacionado ao controle não mediado do evento, e não à agentividade e ao aspecto lexical de atividade.

Vejamos um exemplo de representação proposta por Brousseau e Ritter (1991) para a tradução de um dos verbos que compõem os dados desta dissertação, o verbo *jump* ‘pular’. O único argumento de *jump* é diretamente responsável pelo evento, controla o evento sem nenhum tipo de mediação, e sendo assim, o verbo é representado com o predicado DO:

(33) *jump*: [x DO MOVE ...] / *jump*<sup>15</sup> (BROUSSEAU; RITTER, 1991, p. 54)

Assim como Brousseau e Ritter (1991), Pinker (1989) não define os predicados primitivos estritamente por meio de noções aspectuais. Entretanto, para formular representações lexicais para os verbos, Pinker (1989) opta por utilizar o predicado primitivo ACT. Os predicados primitivos são definidos por Pinker (1989) através de um sistema de dois tipos de traços semânticos: denotar eventos ou estados (+/- dinâmicos) e o evento ou estado denotado ser diretamente controlado por um agente (+/- controle). Com base nesses traços, ACT é definido como [+dinâmico, +controle]. Para Pinker (1989), ACT é uma função envolvida em eventos de ação que toma um argumento, que ele chama de *actor*, ou dois argumentos, um agente e um paciente (o ACT diádico poderia ser chamado de “ACT-ON”, mas para PINKER, 1989 essa distinção é irrelevante). Os verbos que contêm a função ACT especificam uma maneira; como exemplo, o autor cita o verbo *yawn* ‘bocejar’:

(34) *yawn*:

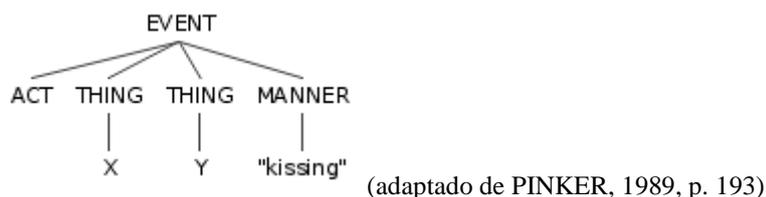


<sup>15</sup> Os três pontos indicam propriedades semânticas dos verbos que são irrelevantes para a discussão, mas que podem fazer parte da estrutura semântica. O item / *jump* simboliza, na notação das autoras, o sentido idiossincrático do verbo.

<sup>16</sup> A notação utilizada por Pinker (1989) também difere da notação utilizada neste trabalho. As representações propostas pelo autor são em forma de árvore, os predicados primitivos são notados em caixa alta, assim como as classificações ontológicas, os argumentos são representados por variáveis ou colchetes vazios e o conteúdo idiossincrático do verbo é representado entre aspas duplas.

*Kiss* ‘beijar’ é o exemplo que o autor cita para um caso de ACT diádico:

(35) *kiss*:



Outro aspecto importante das propostas de representação para verbos agentivos em termos de ACT e DO é a utilização desses predicados na representação do primeiro subevento de *accomplishments*, ou seja, argumentos agentes de verbos causativos. Dos trabalhos citados acima, Van Valin (2005), Pinker (1989) e Rappaport Hovav e Levin (1998) assumem também como papel desses predicados a representação de agentes em verbos como *quebrar*. De acordo com Pinker (1989), ACT também pode ser utilizado na representação de eventos em que há um agente, mas não há a especificação da maneira de agir. Na proposta de Rappaport Hovav e Levin (1998), verbos de mudança de estado como *break* ‘quebrar’ são representados da seguinte forma:

(36)  $v$ :  $[[x \text{ ACT}] \text{ CAUSE } [ \text{ BECOME } [y \langle \text{STATE} \rangle ]]]$

(RAPPAPOORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 109)

Seguindo essa proposta, Wunderlich (2012, p. 313) define ACT da seguinte forma:

(37) “grosso modo,  $\text{ACT}(x)$  é verdade em um evento  $e$  se existe algum subevento de  $e$  que é instigado e controlado por  $x$ ”<sup>17</sup>.

A definição do autor explicita a função atribuída ao predicado ACT que mostramos na representação em (36) e também mostra que, para ele, ACT é um componente de um evento complexo.

Na proposta da RRG, a representação de argumentos externos de verbos causativos ocorre através da estrutura [**do**’ ( $x, \emptyset$ )], que indica uma atividade não especificada,

<sup>17</sup> “Roughly,  $\text{ACT}(x)$  is true in  $e$  if there is some subevent of  $e$  which is instigated and controlled by  $x$ .”

analisada como uma causa. Agentes são representados com a estrutura [**do'** (x,  $\emptyset$ )] sob escopo de um operador DO:

(38) *kill* 'matar': [**do'** (x,  $\emptyset$ )] CAUSE [BECOME **dead'** (y)]

(39) *murder* 'assassinar': DO (x, [**do'** (x,  $\emptyset$ )] CAUSE [BECOME **dead'** (y)])

(VAN VALIN, 2005, p. 56)

Para Cançado (2010), verbos como *quebrar*, cujo argumento externo pode ter volição ou não (*a Maria quebrou a janela sem querer/ a Maria quebrou a janela com uma marreta*), são representados com ACT entre parênteses, o que indica que volição é uma propriedade opcional do argumento. A autora relaciona os predicados primitivos aos acarretamentos lexicais propostos por Dowty (1991), que compõem o que o autor chama de proto-papéis: proto-agente e proto-paciente. Um dos acarretamentos lexicais de proto-agente é *envolvimento volicional no evento*. Cançado (2010) chama esse acarretamento de “volição” e o associa ao predicado primitivo ACT.

(40) *v*: [[ x (ACT)] CAUSE [y BECOME <STATE>]] (CANÇADO, 2010, p. 91)

Nesse sentido, a proposta de Cançado (2010) é mais específica que as propostas de Pinker (1989) e de Rappaport Hovav e Levin (1998) e se assemelha à proposta da RRG, distinguindo argumentos com papel temático de agente de argumentos com papel temático de causa. Verbos estritamente agentivos, como *assassinar* possuem ACT em suas representações, sem parênteses, o que indica que volição é uma propriedade inerente desses verbos:

(41) *v*: [[x ACT] CAUSE [y BECOME <STATE>]] (CANÇADO, 2010, p. 91)

Dowty (1979) e Levin e Rappaport Hovav (1995) utilizam também o próprio verbo *do* na representação de *accomplishments* para indicar agentividade, de maneira pouco formalizada como na estrutura a seguir:

(42) *John killed Bill* 'o John matou o Bill':

[[*John does something*] CAUSE [BECOME  $\neg$  [*Bill is alive*]]]

(DOWTY, 1979, p. 91)

O que podemos concluir a respeito das várias propostas apresentadas para os predicados primitivos ACT e DO é que são atribuídas a esses predicados várias noções semânticas distintas, porém relacionadas. Como podemos observar nos trabalhos, esses predicados primitivos são relacionados ao aspecto lexical de atividade, a controle não mediado de um evento, a volição, a ação e a agentividade de maneira mais geral, podendo incluir até a representação de causas em algumas propostas. Além disso, não é feita uma distinção precisa entre os predicados ACT e DO e, com exceção do trabalho de Rappaport Hovav e Levin (1998), os autores não apresentam justificativa para optar por um desses predicados. A falta de uma definição mais clara para ACT e DO (como as que existem para predicados como CAUSE e BECOME, independentes de aspecto lexical e papel temático) levou os pesquisadores a enfrentarem uma série de problemas que levantou a questão envolvendo a representação de verbos agentivos e de verbos de atividade.

Um dos primeiros problemas que surgiu para essas propostas e que foi reconhecido por Dowty (1979) (mas não solucionado por ele) é o fato de que nem todos os verbos de atividade são agentivos. Dessa forma, como relacionar um predicado de ação a eventos de atividade? A proposta da RRG tenta resolver essa questão postulando dois predicados primitivos diferentes: um para o aspecto lexical de atividade, **do'**, e outro para a propriedade semântica de *volição*, DO. Essa diferenciação entre predicados de atividade e de agentividade também pretende resolver um problema relacionado, já apontado por Pinker (1989). Segundo o autor, alguns verbos de atividade denotam ações involuntárias, como *chorar* e *sorrir*, podendo ocorrer com advérbios como *involuntariamente*. Em sua proposta, esses verbos são tratados como casos marcados de ACT e o predicado perde o traço +controle. Na proposta da RRG, a distinção entre **do'** e DO é utilizada para explicar esses casos. Porém, verbos como *chorar*, apesar de ocorrerem com o advérbio *involuntariamente*, aceitam testes de agentividade, como mostramos no Capítulo 1 e repetimos abaixo:

- (43) a. O menino chorou involuntariamente.  
 b. \*O menino chorou acidentalmente.

Além disso, existem verbos de atividade que possuem comportamento diferente, como é o caso do verbo *girar*, que não aceita o advérbio *involuntariamente* e não é agentivo:

- (44) a. \*A roleta girou involuntariamente.  
 b. A roleta girou acidentalmente.

As propostas de Pinker (1989) e da RRG não chegam a explicar todos os casos de verbos de atividade não agentivos. Nas propostas que relacionam os predicados primitivos ao aspecto lexical, mesmo havendo distinção entre atividade e agentividade, não seria possível distinguir os diferentes tipos de evento denotados por verbos como *chorar* e *girar*. Na verdade, é difícil dizer se o fato de um verbo ocorrer com um advérbio como *involuntariamente* é relevante ao ponto de influenciar na escolha de sua representação lexical. Em contextos específicos, esse advérbio pode ocorrer com verbos estritamente agentivos, como no caso dos exemplos abaixo:

(45) Sob o efeito da medicação, o homem corria involuntariamente.

(46) A velha maluca costurava involuntariamente.

Outro problema envolvendo a representação lexical é a diferenciação entre verbos que podem ter argumento externo agente ou causa, como *quebrar* e *matar*, e verbos estritamente agentivos, como *assassinar*. Nas propostas de Pinker (1989), Rappaport Hovav e Levin (1998) e Wunderlich (2012) não há espaço para essa diferenciação, sendo que causas e agentes são argumentos de ACT. As propostas de Van Valin (2005), com a distinção entre **do'** e DO, e a proposta de Cançado (2010), da opcionalidade do predicado primitivo ACT, são soluções possíveis para essa questão.

Concluindo, podemos apontar, então, que a maior questão de representação que envolve esses dois predicados (DO e ACT) na literatura é definir de fato a que propriedade semântica eles estão relacionados e que tipo de componente semântico presente nos verbos esses predicados representam. Consideramos um problema assumir para esses predicados definições com base em papéis temáticos e aspecto lexical, pois essas noções são derivadas e, por isso, não podem ser consideradas primitivas (como são considerados os predicados primitivos). Além disso, os verbos que denotam eventos de atividade e os verbos que possuem um argumento com papel temático de agente são muitos e diversos, ou seja, provavelmente, essas duas propriedades semânticas não agrupam os verbos em classes. Como apontam autores como Pinker (1989), Rappaport Hovav e Levin (1998) e Grimshaw (2005), existem verbos de atividade monoargumentais e biargumentais; existem também verbos agentivos monoargumentais e biargumentais; e dos biargumentais, alguns participam da alternância causativo-incoativa, enquanto outros não. Portanto, nosso objetivo será delinear uma proposta de diferenciação mais clara entre os predicados primitivos ACT e DO, associando-os a

propriedades semânticas presentes no sentido dos verbos, as quais serão representadas por esses predicados nas estruturas de evento e representações lexicais.

### 3 OS PREDICADOS *ACT* E *DO* E AS CLASSES VERBAIS

Neste capítulo, analisamos os verbos do tipo *correr* e *escrever*, apresentados no Capítulo 1, que são verbos do português brasileiro que denotam eventos de atividade e que tomam um argumento agente. A partir da análise desses verbos, propomos representações lexicais, que explicitam as propriedades semânticas relevantes para a formação das classes, utilizando para isso a decomposição de predicados, como apresentamos no Capítulo 2. Pretendemos, com isso, investigar o papel dos predicados primitivos *ACT* e *DO* na representação lexical dos verbos. Retomamos a nossa hipótese de que é relevante manter os dois predicados, *ACT* e *DO*, em um inventário de predicados primitivos para a representação de verbos de atividade agentivos e pretendemos corroborá-la a partir das análises e dos dados apresentados.

#### 3.1 As classes verbais

Os predicados primitivos *ACT* e *DO*, como mostramos no Capítulo 2, são utilizados na representação de vários tipos de verbos, normalmente relacionados ao papel temático de agente e ao aspecto lexical de atividade. Por exemplo:

(1) O atleta corria.

(2) *run*: [x *ACT* <*RUN*>]

(representação para verbos como *run* ‘correr’ de RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 109.)

(3) A professora escrevia.

(4) *write*: **do**'(x, [**write**'(x, (y))])

(representação para verbos como *write* ‘escrever’ de VAN VALIN, 2005, p. 55.)

(5) As alunas estudavam.

(6) *study* ( x (y))

|

x acts

(representação de GRIMSHAW, 2005 para verbos como *study* ‘estudar’, p. 81.)

Para verificar a relevância de se manter dois predicados desse tipo na lista dos predicados primitivos ou verificar qual deles é o mais adequado para a representação desses verbos, analisaremos os verbos de atividade agentivos do português brasileiro mostrados no Capítulo 1 (ver também Apêndice desta dissertação).

Segundo Grimshaw (2005) e Levin e Rappaport Hovav (2005), os verbos de atividade agentivos do inglês possuem a mesma representação lexical e formam uma única classe, ou seja, formam um grupo de verbos com propriedades semânticas comuns (denotam eventos classificados como atividades e são agentivos) e comportamento sintático uniforme (são intransitivos ou possuem uma forma intransitiva). Dessa forma, na proposta das autoras, não há necessidade de se manter dois predicados primitivos como ACT e DO para a representação desses verbos, sendo necessário apenas verificar qual desses predicados descreve adequadamente o sentido dos verbos dessa classe (as autoras preferem ACT, como mostramos em (2) e (6)). Cançado e Godoy (2011) mostram, entretanto, que dentre os verbos de atividade agentivos do português brasileiro existem diferentes classes verbais. Assumindo essa análise, mostraremos que dentre os verbos coletados existem duas classes e que é interessante manter dois predicados primitivos, ACT e DO, para a representação de diferentes tipos de verbos. Mostramos a seguir alguns exemplos dos verbos e das sentenças que vamos analisar:

- (7) O atleta corria.
- (8) O golfinho nadava.
- (9) O bebê chorava.
- (10) Os romeiros caminhavam.
- (11) O poeta escrevia.
- (12) A Matilde costurava.
- (13) O artista pintava.
- (14) A Maria Tereza digitava.

Primeiramente, podemos notar que existe uma diferença semântica entre esses verbos. Diferentes verbos de atividade agentivos, como os exemplificados acima, denotam diferentes tipos de evento. Podemos evidenciar uma primeira diferença semântica entre esses verbos através da denotação de nomes morfológicamente relacionados a eles:

- (15) O atleta corria./ A corrida do atleta

- (16) O golfinho nadava./ O nado do golfinho
- (17) O bebê chorava./ O choro do bebê
- (18) Os romeiros caminhavam./ A caminhada dos romeiros
- (19) O poeta escrevia./ A escrita do poeta
- (20) A Matilde costurava./ A costura da Matilde
- (21) O artista pintava./ A pintura do artista
- (22) A Maria Tereza digitava./ A digitação da Maria Tereza

Nos exemplos acima, percebemos que os sintagmas nominais correspondentes às sentenças em (15)-(18) se referem a eventos específicos, enquanto os sintagmas nominais correspondentes às sentenças em (19)-(22) se referem somente à maneira como o agente realiza determinada ação. Podemos evidenciar essa diferença a partir das relações estabelecidas abaixo:

- (23) a. A corrida do atleta atraiu muitos expectadores.
  - b. ~~+~~ A corrida realizada pelo atleta atraiu muitos expectadores.
  - c. A maneira como o atleta corre atraiu muitos expectadores.
- (24) a. O nado do golfinho atraiu muitos curiosos.
  - b. ~~+~~ O nado realizado pelo golfinho atraiu muitos curiosos.
  - c. A maneira como o golfinho nada atraiu muitos curiosos.
- (25) a. O choro do bebê atraiu a atenção dos pais.
  - b. ~~+~~ O choro realizado pelo bebê atraiu a atenção dos pais.
  - c. A maneira como o bebê chora atraiu a atenção dos pais.
- (26) a. A caminhada dos romeiros atraiu a atenção dos comerciantes.
  - b. ~~+~~ A caminhada realizada pelos romeiros atraiu a atenção dos comerciantes.
  - c. A maneira como os romeiros caminham atraiu a atenção dos comerciantes.

As sentenças em (a) que mostramos em (23)-(26) são bem parafraseadas pelas sentenças em (b), mas podem também, em alguns casos, ser parafraseadas por sentenças como as em (c). Sintagmas como *o choro do bebê*, por exemplo, podem denotar a maneira como o bebê chora, em uma sentença como *o choro do bebê é baixinho*. Vejamos o que ocorre com verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar*:

- (27) a. A escrita do poeta atraiu muitos leitores.

- b.  $\neg\vdash$  A maneira como o poeta escreve atraiu muitos leitores.  
 c. ?A escrita realizada pelo poeta atraiu muitos leitores.
- (28) a. A costura da Matilde atraiu muitos clientes.  
 b.  $\neg\vdash$  A maneira como a Matilde costura atraiu muitos clientes.  
 c. ?A costura realizada pela Matilde atraiu muitos clientes.
- (29) a. A pintura do artista atraiu colecionadores de obras de arte.  
 b.  $\neg\vdash$  A maneira como o artista pinta atraiu colecionadores de obras de arte.  
 c. ?A pintura realizada pelo artista atraiu colecionadores de obras de arte.
- (30) a. A digitação da Maria Tereza atraiu a atenção do chefe.  
 b.  $\neg\vdash$  A maneira como a Maria Tereza digita atraiu a atenção do chefe.  
 c. ?A digitação realizada pela Maria Tereza atraiu a atenção do chefe.

As sentenças em (a) que mostramos em (27)-(30) são bem parafraçadas pelas sentenças em (b), não podendo ser parafraçados de maneira alguma por sentenças como as em (c), que, inclusive, não parecem ser sentenças boas<sup>18</sup>. O que nos interessa mostrar aqui é que os nomes *corrida*, *choro*, *nado* e *caminhada* podem denotar eventos específicos, mas os nomes *escrita*, *costura*, *pintura* e *digitação* se referem a uma maneira de agir do agente e não podem se referir a eventos específicos. Podemos demonstrar a diferente denotação desses nomes também através de sentenças com o verbo *durar*. Veremos que enquanto *corrida*, *choro*, *nado* e *caminhada* podem ter duração no tempo, como eventos comuns, *escrita*, *costura*, *pintura* e *digitação* não podem:

- (31) A corrida do João durou duas horas.  
 (32) O choro do bebê durou duas horas.  
 (33) O nado dos golfinhos durou duas horas.  
 (34) A caminhada das meninas durou duas horas.  
 (35) \*A escrita da Maria durou duas horas.  
 (36) \*A costura da Matilde durou duas horas.  
 (37) \*A pintura do artista durou duas horas.  
 (38) \*A digitação da Maria Tereza durou duas horas.

---

<sup>18</sup> Descartamos o fato de nomes como *pintura* e *costura* serem ambíguos, podendo denotar também um objeto no mundo, pois nos interessa a interpretação do nome relacionada ao evento denotado pelo verbo.

Considerando que os verbos e os nomes correspondentes possuem propriedades semânticas em comum (AMARAL, 2009), podemos dizer que verbos como *chorar*, *correr*, *nadar* e *caminhar* denotam eventos diferentes de verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar*. Dessa maneira, do ponto de vista semântico, já temos uma primeira diferenciação entre os verbos apresentados: verbos como *correr*, *chorar*, *nadar* e *caminhar* denotam a realização de um evento específico por parte do agente; verbos como *escrever*, *costurar*, *pintar* e *digitar*, diferentemente, descrevem a maneira de agir do agente<sup>19</sup>.

Vejam agora se realmente essa divisão forma diferentes classes verbais através da análise de propriedades sintáticas desses verbos.

Com relação a propriedades sintáticas, a primeira observação que podemos fazer para os verbos de atividade agentivos analisados é que todos possuem formas intransitivas e transitivas. Entretanto, apesar da similaridade das formas intransitivas que observamos nos exemplos, esses verbos apresentam outras propriedades sintáticas bastante diferentes. Uma dessas propriedades é o tipo de objeto que cada tipo de verbo aceita em formas transitivas:

- (39) A atleta correu a corrida final do campeonato.
- (40) O ladrão arrependido chorou um choro triste e contido.
- (41) O César nadou nado borboleta.
- (42) As meninas já caminharam a caminhada do dia.
- (43) O menino escreveu uma carta.
- (44) O artista pintou um quadro.
- (45) A Maria costurou o vestido de noiva da modelo.
- (46) A secretária digitou um documento.

Verbos como *correr*, *chorar*, *nadar* e *caminhar* aceitam objetos cognatos, como *a corrida final do campeonato*, *um choro triste e contido*, *nado borboleta* e *a caminhada do dia* em (39)-(42), também podendo ocorrer hipônimos de cognatos no lugar dos objetos cognatos (por exemplo, *o jovem correu a maratona*). Diferentemente, verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar* ocorrem em sentenças transitivas com objetos diretos canônicos. Vejam essa diferença.

---

<sup>19</sup>Sabemos que nomes como *escrita*, *costura*, *pintura* e *digitação* podem ocorrer com outro tipo de argumento, relacionado à forma transitiva dos verbos correspondentes, como *a escrita da carta*, *a costura do vestido*, *a pintura do quadro* e *a digitação do documento*. Esses casos serão analisados juntamente com a forma transitiva desses verbos, na seção 3.2.2.1.

Os objetos cognatos são morfológica e semanticamente relacionados ao verbo, sendo compostos pela nominalização do verbo (JONES, 1988) ou pelo nome do qual o verbo é derivado (HALE; KEYSER, 2002). A função desse tipo de objeto, cognato ou hipônimo, não é introduzir um participante a mais no evento, e sim especificar o evento denotado pelo verbo. De acordo com Jones (1988), Horrocks e Stavrou (2010) e Scher e Leung (2005, 2006), os complementos cognatos/hipônimos podem funcionar como modificadores do verbo. Os cognatos sempre ocorrem com um modificador (*\*o César nada nado/ o César nada nado borboleta*) e a relação de modificação atribuída ao nome é transferida para o verbo. Podemos elencar algumas evidências para mostrar que esse tipo de objeto é, de fato, um modificador (HORROCKS; STAVROU, 2010; JONES, 1988; SCHER; LEUNG, 2005, 2006). Primeiramente, algumas sentenças desse tipo podem ser parafraseadas por uma sentença com um advérbio correspondente no lugar do cognato modificado:

- (47) O bebezinho chorava um choro triste. –|– O bebezinho chorava tristemente.
- (48) O César nadava um nado veloz. –|– O César nadava velozmente.
- (49) A atleta correu uma corrida perfeita. –|– A atleta correu perfeitamente.
- (50) Os romeiros caminharam uma caminhada exemplar. –|– Os romeiros caminharam exemplarmente.

Outra evidência é que, sendo modificadores, esses sintagmas realmente não possuem estatuto de argumento, pois não recebem papel temático. Qual seria o papel temático atribuído a sintagmas como *a corrida final do campeonato, um choro triste e contido, nado borboleta e a caminhada do dia*? Aparentemente, não há nenhum tipo de papel temático que possa ser atribuído a esses sintagmas (JONES, 1988; SCHER; LEUNG, 2005). Além disso, esses verbos não pedem um segundo argumento:

- (51) A atleta correu. (não necessariamente ela correu “algo”)
- (52) O ladrão arrependido chorou. (não necessariamente ele chorou “algo”)
- (53) O César nadou. (não necessariamente ele nadou “algo”)
- (54) As meninas caminharam. (não necessariamente elas caminharam “algo”)

Por fim, como afirmam Scher e Leung (2005) e Horrocks e Stavrou (2010), o estatuto não argumental desses sintagmas também é corroborado pela sua denotação. Os objetos cognatos, ou hipônimos, não denotam entidades no mundo, mas eventos.

No caso de verbos que denotam movimento, como *correr*, *nadar* e *caminhar*, é possível ocorrer um objeto direto não cognato/hipônimo, que descreve uma distância percorrida:

(55) O atleta correu/nadou/caminhou 5 km.

A análise para esse tipo de objeto direto é a mesma que fazemos para objetos cognatos/hipônimos, trata-se de uma modificação. A distância percorrida não é um acarretamento do verbo e não pode ser atribuído a esses sintagmas um papel temático. Podemos observar que uma sentença com um desses verbos que explicita que o agente não percorreu uma trajetória não é contraditória:

(56) O atleta corria/caminhava na esteira.

(57) O César nadava ali naquele canto, sempre sem sair do lugar.

Inclusive, a sentença pode ser parafraseada com um modificador correspondente, mesmo que não seja um advérbio:

(58) O atleta correu 5 km. ⇨ O atleta correu por uma distância de 5 km.

Os objetos diretos canônicos, diferentemente, introduzem um novo participante no evento e são argumentos dos verbos, e não modificadores. Apesar de *escrever*, por exemplo, também possuir uma forma intransitiva, podemos demonstrar que esse verbo pede um segundo argumento:

(59) O professor escrevia.

(60) O professor escreveu o dia todo.

(61) ?O professor escreveu.

A forma intransitiva do verbo *escrever* está relacionada a um evento de atividade, durativo. Por isso, sentenças com *escrever* intransitivo são gramaticais se o verbo apresentar uma flexão verbal que exprima aspecto gramatical imperfectivo, também durativo e, por isso, compatível com o aspecto lexical de atividade (COMRIE, 1976), ou se algum elemento da sentença, como *o dia todo* em (60), expressar a duração do evento. Entretanto, se o verbo

estiver conjugado em um tempo verbal que exprima aspecto gramatical perfectivo, pontual, que não é compatível com o aspecto lexical de atividade, a sentença se torna estranha, como em (61). Na verdade, o verbo *escrever* transitivo denota um evento de *accomplishment*, pontual, compatível com aspecto gramatical perfectivo. Dessa forma, a sentença em (61) soa estranha porque esse verbo pede um argumento que está ausente:

(62) O professor escreveu [o quê?].

Outra evidência para o estatuto argumental desses objetos diretos é que eles recebem papel temático. Por exemplo, Fillmore (1971) classifica tematicamente objetos que passam a existir em consequência da ação denotada pelo verbo como “resultado”. Dowty (1991) diz que uma das propriedades temáticas acarretadas por esses verbos para seu segundo argumento é ser tema incremental<sup>20</sup>, assim eles recebem papel de proto-paciente na proposta do autor. Van Valin (2005) chama o papel temático desses argumentos de “criação”.

Além disso, esses objetos diretos canônicos denotam entidades no mundo, e não eventos, não são substituíveis por advérbios ou modificadores e também não necessitam de modificação como os cognatos, como já mostramos nos exemplos em (43)-(46). Por fim, para mostrar o caráter argumental desses objetos diretos, mostramos um caso em que o objeto é morfologicamente relacionado ao verbo, podendo ser considerado um cognato:

(63) O menino pintou uma linda pintura.

No caso da sentença em (63), poderíamos pensar que se trata do mesmo caso de *chorar um choro triste*, entretanto, a sentença com o verbo *pintar* acima não possui uma paráfrase com o advérbio *lindamente*:

(64) O menino pintou lindamente.

Na verdade, enquanto *um choro triste* denota um evento, especificando que se trata de chorar tristemente, *uma linda pintura* denota uma entidade no mundo, a própria coisa criada através do evento de pintar, e se comporta como um objeto direto canônico (SCHER; LEUNG, 2005, 2006). O adjetivo *linda* modifica apenas *pintura*.

---

<sup>20</sup> A ideia básica por trás dessa propriedade semântica é a de que a telicidade de predicados de *achievement* e *accomplishment* depende de seus argumentos.

Além das diferenças já apontadas, podemos também mostrar o diferente estatuto sintático desses tipos de objetos diretos através do teste do particípio adjetival, forma adjetival do verbo que pode modificar somente sintagmas que possuem características de argumento interno (CIRÍACO; CANÇADO, 2004; FOLTRAN; CRISÓSTOMO, 2003):

- (65) \*A corrida final do campeonato corrida foi emocionante.
- (66) \*O choro triste e contido chorado entristeceu a população.
- (67) \*O nado borboleta nadado alegrou o público.
- (68) \*A caminhada do dia caminhada alegrou as meninas.
- (69) A carta escrita desapareceu.
- (70) O quadro pintado desapareceu.
- (71) O vestido costurado desapareceu.
- (72) O documento digitado desapareceu.

Assim, verbos que possuem formas transitivas em que o objeto direto não é um argumento, mas um modificador, não aceitam o particípio adjetival, pois esses objetos diretos não possuem características de argumento interno. Diferentemente, verbos que possuem formas transitivas em que o objeto direto é um argumento aceitam o particípio adjetival, pois esses objetos diretos possuem características de argumento interno. Não adentraremos a discussão sobre a forma sintática desses diferentes tipos de objetos diretos, os canônicos e os cognatos. Por hipótese, Horrocks e Stavrou (2010) assumem que a possibilidade de um modificador entrar na posição de objeto direto na sintaxe se deve ao fato de não haver nenhum argumento ocupando tal posição. No caso de verbos transitivos que aceitam modificação por nomes cognatos, esses nomes vêm encabeçados por preposição, ou seja, na posição de adjunto, como no caso de verbos de mudança de lugar e verbos de mudança de posse (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2012):

- (73) O dono da loja engaiolou o passarinho *em uma gaiola de ferro*.
- (74) A sequestradora amordaçou o homem *com uma mordaça feita de seda*.

Finalmente, somente os verbos que ocorrem com objetos diretos canônicos podem ser passivizados (PINKER, 1989; HORROCKS; STAVROU, 2010):

- (75) Uma carta foi escrita pelo menino.

- (76) Um quadro foi pintado pelo artista.  
 (77) O vestido de noiva da modelo foi costurado pela Maria.  
 (78) O documento foi digitado pela secretária.  
 (79) \*A corrida final do campeonato foi corrida pelo atleta.  
 (80) \*Um choro triste e contido foi chorado pelo ladrão.  
 (81) \*Nado borboleta foi nadado pelo César.  
 (82) \*A caminhada do dia foi caminhada pelas meninas.

A nossa análise das formas transitivas dos verbos de atividade descarta, pelo menos para os verbos analisados nesta dissertação, a hipótese de que objetos diretos de verbos de atividade são argumentos da raiz, proposta de Rappaport Hovav e Levin (1998) e de Grimshaw (2005) que apresentamos brevemente no Capítulo 2. Como vimos, os objetos diretos cognatos/hipônimos são modificadores, então não podem ser considerados argumentos das raízes dos verbos. Os objetos diretos canônicos são de fato argumentos, mas as propriedades semânticas desses argumentos interferem diretamente na sintaxe, por exemplo, na formação de sentenças passivas. Dessa forma, não podemos propor que se trata de argumentos da raiz, pois, fazendo isso, contrariaríamos a hipótese da não relevância do conteúdo semântico da raiz para a sintaxe, assumida neste trabalho e pelas próprias autoras citadas acima.

Além de as formas transitivas desses verbos possuírem diferentes propriedades sintáticas, elas também são semanticamente diferentes. A diferença entre as formas transitivas desses verbos é o tipo de evento que cada uma denota. Os verbos *correr*, *chorar*, *nadar* e *caminhar* denotam eventos em que não há um resultado. Verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar* denotam eventos em que há um resultado, a criação de determinado objeto. São, por isso, chamados de verbos de criação na literatura. Essa diferença semântica se reflete na estrutura de evento desses verbos e pode ser captada pelo teste do *quase*. Como mostramos no Capítulo 2, verbos que formam sentenças ambíguas com esse advérbio denotam eventos complexos; diferentemente, verbos que não formam sentenças ambíguas com o mesmo advérbio denotam eventos simples. Vejamos a aplicação do teste com os verbos *correr*, *chorar*, *nadar* e *caminhar*:

- (83) a. A atleta quase correu a corrida final do campeonato.  
 b.  $\neg$  O que a atleta quase fez foi correr a corrida final do campeonato.  
 c. ?O que a atleta fez foi quase correr a corrida final do campeonato.

- (84) a. A mulher que acabou de ter um bebê quase chorou um choro de alegria.<sup>21</sup>  
 b.  $\neg\vdash$  O que a mulher quase fez foi chorar um choro de alegria.  
 c. ?O que a mulher fez foi quase chorar um choro de alegria.
- (85) a. O César quase nadou nado borboleta.  
 b.  $\neg\vdash$  O que o César quase fez foi nadar nado borboleta.  
 c. ?O que o César fez foi quase nadar nado borboleta.
- (86) a. As meninas quase caminharam a caminhada do dia.  
 b.  $\neg\vdash$  O que as meninas quase fizeram foi caminhar a caminhada do dia.  
 c. ?O que as meninas fizeram foi quase caminhar a caminhada do dia.

Sentenças como as em (a) em (83)-(86) denotam eventos simples, pois não são ambíguas com *quase*, ou seja, existe apenas um evento sobre o qual *quase* pode ter escopo. A única interpretação possível para essas sentenças é uma em que o evento não foi iniciado. As duas paráfrases possíveis para as sentenças em (a) em (83)-(86), mostradas nas sentenças em (b) e (c), possuem a mesma interpretação, se (c) for considerada gramatical. Vejamos agora a aplicação do teste com os verbos *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar*:

- (87) a. O menino quase escreveu o nome do professor.  
 b.  $\neg\vdash$  O que o menino quase fez foi escrever o nome do professor.  
 c.  $\neg\vdash$  O que o menino fez foi quase escrever o nome do professor.
- (88) a. O artista quase pintou a Mona Lisa.  
 b.  $\neg\vdash$  O que o artista quase fez foi pintar a Mona Lisa.  
 c.  $\neg\vdash$  O que o artista fez foi quase pintar a Mona Lisa.
- (89) a. A Maria quase costurou o vestido de noiva da modelo.  
 b.  $\neg\vdash$  O que a Maria quase fez foi costurar o vestido de noiva da modelo.  
 c.  $\neg\vdash$  O que a Maria fez foi quase costurar o vestido de noiva da modelo.
- (90) a. A secretária quase digitou o documento.  
 b.  $\neg\vdash$  O que a secretária quase fez foi digitar o documento.  
 c.  $\neg\vdash$  O que a secretária fez foi quase digitar o documento.

Sentenças como as em (a) em (87)-(90) denotam eventos complexos, pois são ambíguas com *quase*, ou seja, existem dois subeventos sobre os quais *quase* pode ter escopo.

---

<sup>21</sup> *Quase* pode ter escopo sobre adjetivos, gerando uma ambiguidade que não decorre da estrutura de evento do verbo. Por isso, substituímos o adjetivo por um sintagma preposicionado neste exemplo.

As duas interpretações possíveis para essas sentenças, uma em que o evento não foi iniciado e outra em que o evento foi iniciado, mas não concluído, estão indicadas nas paráfrases em (b) e (c), respectivamente. Assim, as sentenças com verbos como *correr*, *nadar*, *chorar* e *caminhar* denotam apenas uma ação, ou seja, não denotam nenhum tipo de resultado. As sentenças com verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar* denotam eventos complexos, compostos por um subevento que expressa uma ação e por outro subevento que expressa um resultado, a criação de determinado objeto.

Dessa maneira, considerando que as classes verbais são grupos de verbos com as mesmas propriedades semânticas e o mesmo comportamento sintático, existem na verdade, duas classes de verbos em meio aos verbos de atividade agentivos do português brasileiro que coletamos, como já apontaram Cançado e Godoy (2011). Uma dessas classes, que chamamos de classe de verbos como *correr*, é composta de verbos que denotam a realização de um evento específico por parte de um agente (como mostramos a partir da denotação dos nomes relacionados aos verbos), possuem formas sintáticas intransitivas e formas sintáticas transitivas, em que o objeto direto tem função de modificador, e denotam sempre eventos simples. A outra classe de verbos, que chamamos de classe de verbos como *escrever*, é composta de verbos que denotam a maneira de agir de um agente (como mostramos a partir da denotação dos nomes relacionados aos verbos), possuem formas sintáticas intransitivas e formas sintáticas transitivas, em que o objeto direto é um argumento do verbo, e denotam eventos simples na forma intransitiva (pois denotam eventos de atividade, como mostramos no Capítulo 1) e eventos complexos na forma transitiva.

Tendo, então, mostrado que verbos que são representados da mesma maneira possuem propriedades semânticas e sintáticas diferentes, devemos questionar as representações propostas na literatura (apresentadas em (2), em (4) e em (6) deste capítulo), pois elas não preveem corretamente o comportamento sintático dos verbos, uma vez que são assumidas para todos os verbos de atividade agentivos. O papel das representações lexicais é representar em outra linguagem o sentido dos verbos, explicitando as partes do sentido que são relevantes para a formação das classes. Podemos usar a linguagem da decomposição de predicados para representar vários tipos de verbos de atividade agentivos, explicitando o que há de diferente entre eles. Mostramos que os verbos de atividade agentivos do português brasileiro se dividem em pelo menos duas classes verbais, mas como diferenciá-las segundo as representações mostradas em (2), em (4) e em (6)? Como são as representações lexicais desses verbos? Onde entram os predicados ACT e DO nessa distinção semântica? Na próxima seção, em que propomos representações lexicais para os verbos analisados, tentaremos

responder a essas questões e mostrar que a nossa hipótese de se manter dois predicados primitivos ACT e DO para a representação de verbos de atividade agentivos é mais adequada para abarcar as diferenças entre esses verbos em suas representações lexicais.

É importante ressaltarmos aqui, antes de entrarmos na nossa proposta de representação lexical, em que ponto estamos propondo uma diferenciação entre esses verbos, que pode parecer ser óbvia. Na literatura, existe o reconhecimento de verbos como *escrever* e *pintar* como verbos de criação, diferentes de verbos como *correr* e *chorar*, conhecidos como verbos inergativos, verbos de causa interna, entre outros nomes. O que não existe na literatura, e que pretendemos fazer nesta dissertação, é uma proposta de representação lexical que evidencie as diferenças existentes, e muitas vezes descritas, entre esses verbos. Especialmente nos trabalhos de Grimshaw e de Levin e Rappaport Hovav existe uma ideia forte de que verbos de atividade formam uma única classe. Pinker (1989) e Van Valin (2005) reconhecem as diferentes classes, mas utilizam as mesmas estruturas na representação lexical desses verbos. As diferenças mostradas nesta seção não têm como objetivo apenas demonstrar que esses verbos são diferentes, mas prover evidências de que esses verbos possuem diferentes propriedades semânticas e sintáticas e, por isso, devem possuir diferentes representações lexicais, corroborando a proposta de Cançado e Godoy (2011).

### **3.2 A representação lexical**

Mostramos na seção anterior que existem pelo menos duas classes verbais dentre os verbos de atividade agentivos do português brasileiro que coletamos para realizar esta pesquisa: verbos como *correr* e verbos como *escrever*. Em primeiro lugar, assumiremos, então, que verbos de atividade agentivos não formam uma única classe. Vamos agora examinar mais finamente as propriedades desses verbos a fim de propormos para eles representações lexicais que sejam adequadas e que explicitem as propriedades semânticas gramaticalmente relevantes desses verbos. Partiremos das propostas mostradas no Capítulo 2, que assumem que esses verbos podem ser representados com ACT e com DO, e tentaremos encaixá-los nas estruturas de cada um desses predicados, observando se esses predicados primitivos são relevantes, qual é o mais adequado e se há diferença entre eles. Veremos que,

adotando uma diferenciação entre os predicados primitivos ACT e DO, é possível representar diferentes classes de verbos de atividade agentivos.

### 3.2.1 Verbos da classe de *correr*

Retomemos alguns exemplos do que seriam estruturas de evento e representações lexicais possíveis para os verbos como *correr*<sup>22</sup>:

(91) *v*: [x ACT <MANNER>] (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 109)

(92) *correr*: [x ACT <CORRER>]

(93) *v*: **do'**(x, [**pred'**(x)]) (VAN VALIN, 2005, p. 66)

(94) *correr*: **do'**(x, [**correr'**(x)])

Vamos verificar, em primeiro lugar, se uma estrutura de evento como a que apresentamos em (91) seria adequada para a representação desses verbos. Assumiremos a hipótese de Godoy (2012) que afirma que verbos que lexicalizam maneira, ou seja, com raízes da categoria ontológica MANNER modificando o predicado ACT, não podem ser compostos na sentença com alguns tipos de elementos que indicam maneira. A autora propõe um teste para evidenciar essa hipótese que consiste em verificar se o evento denotado pelo verbo já especifica uma maneira ou se essa maneira pode ser especificada através de determinado modificador. É importante ressaltar que, nesse teste, um verbo no gerúndio deve modificar o verbo sendo testado, compondo um único evento, ou seja, a sentença não pode denotar dois eventos concomitantes, cada um denotado por um dos verbos, como em *ela comia batendo o pé*, por exemplo. Verbos como *correr*, *chorar*, *nadar* e *caminhar* podem, facilmente, ser compostos com modificadores de maneira construídos a partir de verbos da mesma classe ou a partir de outros verbos:

(95) A Maria corria pulando.

(96) A Maria chorava suspirando.

---

<sup>22</sup>Acreditamos na hipótese de que esses verbos não são verbos de movimento (como mostramos no Capítulo 1) e, por isso, descartamos uma proposta de representação desses verbos por meio de estruturas de evento com os predicados GO e MOVE, como propõe Jackendoff (1990).

(97) As meninas caminhavam rebolando.

(98) O César nadava batendo as pernas.

Os exemplos em (95)-(98) sugerem que os verbos como *correr* não lexicalizam maneira, portanto, não possuem raízes da ontologia MANNER. Essa pode ser uma primeira evidência de que esses verbos não possuem a representação lexical proposta por Rappaport Hovav e Levin (1998) e não são, portanto, adequadamente representados pelo predicado primitivo ACT.

Verifiquemos agora se esses verbos seriam adequadamente representados através da estrutura com o predicado primitivo DO. Seguindo a argumentação de Harley (2005), poderíamos propor que a raiz desses verbos é da categoria ontológica EVENT, em consonância com a estrutura argumental de DO proposta por Ross (1972) e assumida por Dowty (1979). Como evidências de que a categoria ontológica da raiz desses verbos é EVENT podemos citar a possibilidade de ocorrerem com um objeto cognato e a formação de paráfrases para esses verbos a partir de nomes de eventos. Como mostramos na seção anterior, os objetos cognatos/hipônimos que ocorrem com esses verbos denotam eventos específicos. Podemos comparar esses casos com o caso dos verbos de mudança de posse e de mudança de lugar, apresentados por Cançado, Godoy e Amaral (2012), em que os nomes cognatos correspondentes denotam coisas e lugares:

(99) O João amanteigou o pão com *manteiga sem sal*.

(100) v: [[XVOLITION] CAUSE [BECOME Y WITH <THING>]]

(101) O João ensacou a comida em *um saco de plástico*.

(102) v: [[XVOLITION] CAUSE [BECOME Y IN <PLACE>]]

Os nomes cognatos que ocorrem com esses verbos especificam o tipo de coisa em verbos de mudança de posse, com raiz de categoria ontológica THING, e o tipo de lugar em verbos de mudança de lugar, com raiz de categoria ontológica PLACE. Seguindo essa linha de argumentação, os verbos que analisamos aqui, como *correr*, *chorar*, *nadar* e *caminhar* possuem raízes de categoria ontológica EVENT e seus objetos cognatos (*correr a corrida final do campeonato*, *chorar um choro triste e contido*, *nadar nado borboleta* e *caminhar a caminhada do dia*) especificam esse evento.

Podemos também construir paráfrases para sentenças com os verbos *correr*, *chorar*, *nadar* e *caminhar* com o verbo *fazer*, que corresponderia a DO, e nomes que denotam eventos:

(103) O João correu 5 km hoje. -|- O João fez uma corrida de 5 km hoje.

(104) O menino sabia chorar como o Quico. -|- O menino sabia fazer o choro do Quico.

(105) A menina já caminhou hoje. -|- A menina já fez caminhada hoje.

(106) As crianças gostavam de nadar cachorrinho. -|- As crianças gostavam de fazer nado cachorrinho.

Outros autores também propõem paráfrases para sentenças com esses verbos no inglês que se assemelham a essas. Para Pinker (1989), os verbos inergativos podem ser parafraseados como *perform some action or activity* ‘fazer/realizar uma ação ou atividade’. Para Hale e Keyser (2002) e para Harley (2005), esses verbos são parafraseados com o verbo *do* do inglês como *do a dance* ‘fazer dança’ para *dance* ‘dançar’ e *do a hop* ‘fazer/dar um pulo’ para *hop* ‘pular’.

Com base nas evidências acima, assumiremos para os verbos da classe de *correr* a estrutura com DO sugerida como uma proposta alternativa por Rappaport Hovav e Levin (1998), estrutura essa adaptada das propostas dos semanticistas gerativos. Segundo as autoras, outra possibilidade de representação para verbos de atividade é utilizar o predicado DO tomando a raiz como argumento, como [x DO <LAUGH>] para o verbo *laugh* ‘rir’. Embora a estrutura de evento com DO mais elaborada e utilizada seja a da RRG (VAN VALIN, 1993, 2005; VAN VALIN; LAPOLLA, 1997), não a utilizaremos porque, apesar de fazer a distinção entre o sentido que é específico do verbo e o que é da classe, a estrutura não explicita a raiz do verbo e sua ontologia. O próprio Van Valin nota que a diferença entre as suas estruturas e as estruturas de Rappaport Hovav e Levin é essencialmente notacional.

Propomos, então, a seguinte estrutura de evento para os verbos da classe de *correr*<sup>23</sup>:

(107) v: [X DO <EVENT>]

<sup>23</sup> Godoy (2012) propõe exatamente a mesma estrutura de evento para verbos que a autora denomina “verbos eventivos”, que são verbos como *assassinar*, *sequestrar* e *assaltar*. Esses verbos não se comportam como os verbos da classe de *correr*, por isso essa análise não parece ser a mais adequada. É preciso ainda investigar essa classe de verbos e sua estrutura de evento.

Os verbos *correr*, *chorar*, *nadar* e *caminhar* terão as representações lexicais:

- (108) *correr*: [X DO <CORRIDA>]  
 (109) *chorar*: [X DO <CHORO>]  
 (110) *nadar*: [X DO <NADO>]  
 (111) *caminhar*: [X DO <CAMINHADA>]

Vejam, então, se a estrutura aqui proposta é realmente a mais adequada. Retomemos as propriedades sintáticas e semânticas desses verbos apresentadas na seção 3.1. Em primeiro lugar, os verbos da classe de *correr* são verbos intransitivos. Esse fato é facilmente explicado através de uma estrutura que contém apenas uma variável, o X. O fato de que esses verbos denotam a realização de um evento específico por parte do agente (como evidenciam os sintagmas nominais *corrida da Maria*, *choro do bebê*, *nado do golfinho* e *caminhada das meninas*) pode ser explicado pela categoria ontológica da raiz desses verbos, que é EVENT. As formas transitivas também são contempladas. O objeto direto com função de modificador não deve estar na representação lexical do verbo, pois não é um argumento. Dessa maneira, existe apenas uma representação lexical para os verbos, que são essencialmente intransitivos. A forma transitiva é derivada apenas na sintaxe, como uma adjunção. O fato de esses verbos denotarem sempre eventos simples, não acarretarem nenhum tipo de resultado, pode ser também explicado através da estrutura de evento proposta, que é simples, não é composta por subeventos e não possui o predicado primitivo CAUSE. Por todas essas propriedades, propomos que esses verbos são mais adequadamente representados por uma estrutura com o predicado primitivo DO.

### 3.2.2 Verbos da classe de *escrever*

Retomando algumas estruturas já apresentadas para os verbos da classe de *escrever*, poderíamos ter estruturas de evento e representações lexicais como:

- (112) *v*: [X ACT <MANNER>] (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 109)  
 (113) *escrever*: [X ACT <ESCREVER>]

(114) *v*: **do'**(*x*, [**pred'**(*x*, (*y*))]) (VAN VALIN, 2005, p. 55)<sup>24</sup>

(115) *write*: **do'**(*x*, [**write'**(*x*, (*y*))])

Para verificar se esses verbos são adequadamente representados por uma estrutura como a em (112), façamos o mesmo teste que fizemos para os verbos da classe de *correr* na seção anterior. Retomando o teste, segundo Godoy (2012), verbos que lexicalizam maneira não podem ocorrer com modificadores de maneira construídos a partir de outros verbos. Vejamos como os verbos da classe de *escrever* se comportam com modificadores desse tipo:

(116) ?O João pintava escrevendo.

(117) \*A Maria digitava costurando.

(118) ?O João escrevia digitando.

(119) ?A costureira costurava bordando.

De acordo com o teste, o que ocorre nesses casos é que, como os verbos já lexicalizam uma maneira, não podemos adicionar facilmente determinados elementos à sentença que também indicam maneira<sup>25</sup>. Dessa forma, esse teste é um primeiro indício de que verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar* são verbos representados por ACT e com raiz de categoria ontológica MANNER (ressaltamos, como fizemos na seção anterior, que os dois verbos devem denotar um único evento; é possível construir sentenças como *o João escrevia mexendo no cabelo*, mas nesse caso cada verbo denota um evento diferente).

Também podemos citar como evidência de que a raiz desses verbos é de ontologia MANNER o fato de que não há possibilidade de modificação por objetos cognatos. Como a raiz desses verbos já possui natureza modificadora, não é possível adicionar ainda às sentenças formadas um cognato especificado, que modifica o verbo:

(120) \*A Maria escrevia uma escrita bela.

(121) \*A Maria pintava uma pintura calma.

(122) \*A Maria costurava uma costura reta.

<sup>24</sup> Van Valin (2005, p. 44) também propõe a estrutura **do'** (*x*, [**pred'**(*x*, (*y*))]) & INGR **exist'**(*y*) para verbos de criação apenas na forma transitiva; ver seção 3.2.2.1.

<sup>25</sup> Na defesa desta dissertação, foram apontados dois pontos específicos a respeito desse teste. Em contextos mais específicos, sentenças como as em (116)-(119) são perfeitamente gramaticais (*os egípcios antigos escreviam desenhando*, exemplo sugerido pelo Prof. Ricardo Souza). Segundo o Prof. Marcelo Ferreira, é preciso ainda explicar o motivo de tal restrição em verbos de maneira e a possibilidade de modificação desses verbos por advérbios de modo e outros modificadores. É necessário investigar melhor esse teste.

(123) \*A Maria digitava uma digitação diferente.

Além disso, sentenças com esses verbos não podem ser parafraseadas por sentenças formadas com o verbo *fazer*:

(124) a. A Maria escrevia.

b. \*A Maria fazia escrita.

(125) a. A Maria pintava.

b. \*A Maria fazia pintura.

(126) a. A Maria já costurou hoje.

b. \*A Maria já fez uma costura hoje.

(127) a. A Maria digita de manhã.

b. \*A Maria faz digitação de manhã.

Apesar de as paráfrases com o verbo *agir*, que corroboram a presença de ACT na estrutura de evento desses verbos, não serem tão boas quanto as paráfrases propostas para outras classes já estudadas, ainda assim podemos construir sentenças com o verbo *agir* de forma a recuperar o sentido recorrente da classe:

(128) a. A Maria escrevia.

b. A Maria agia de certa maneira, e essa maneira é escrevendo.

(129) a. A Maria pintava.

b. A Maria agia de certa maneira, e essa maneira é pintando.

(130) a. A Maria costurava.

b. A Maria agia de certa maneira, e essa maneira é costurando.

(131) a. A Maria Tereza digitava.

b. A Maria Tereza agia de certa maneira, e essa maneira é digitando.

Com base nas evidências apresentadas, então, assumiremos para os verbos da classe de *escrever* a estrutura com ACT proposta por Rappaport Hovav e Levin (1998). A estrutura de evento dos verbos como *escrever* em sua forma intransitiva será como mostramos abaixo:

(132) v: [X ACT <sub><MANNER></sub>]

Verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar* terão as seguintes representações lexicais:

(133) *pintar*: [X ACT <PINTAR>]

(134) *costurar*: [X ACT <COSTURAR>]

(135) *escrever*: [X ACT <ESCREVER>]

(136) *digitar*: [X ACT <DIGITAR>]

Retomemos agora as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos como *escrever* apresentadas na seção 3.1 e vejamos se a estrutura aqui proposta é realmente a mais adequada. Em primeiro lugar, os verbos da classe de *escrever* apresentam uma forma intransitiva. Esse fato é facilmente explicado através de uma estrutura que contém apenas uma variável, o X. Esses verbos descrevem a maneira de agir do agente (como evidenciam os sintagmas nominais *escrita da Maria*, *costura da Matilde*, *pintura do artista* e *digitação da Maria Tereza*) e isso pode ser explicado pela categoria ontológica da raiz desses verbos, que é MANNER. O fato de denotarem eventos simples na forma intransitiva (denotam eventos de atividade, como mostramos no Capítulo 1) e de não acarretarem resultado é explicado pelo fato de que a estrutura de evento é simples, não é composta por subeventos e não possui o predicado primitivo CAUSE.

Assumindo que nossa proposta para os verbos das classes de *correr* e *escrever* está correta, já podemos confirmar a nossa hipótese de que é relevante se ter dois predicados primitivos diferentes, ACT e DO, para a representação de verbos de atividade agentivos. Entretanto, ainda falta explicar a ocorrência das formas transitivas dos verbos da classe de *escrever*, que parecem não se comportar da mesma maneira que as formas intransitivas.

### 3.2.2.1 Verbos de criação

As formas transitivas dos verbos da classe de *escrever*, que chamaremos de verbos de criação, seguindo nomenclatura comum da literatura, não são contempladas pela estrutura de evento em (132). O objeto direto desses verbos é um argumento, como já mostramos, e deve estar presente na representação lexical, representado por uma variável, como Y. Esses verbos denotam eventos complexos, acarretam um resultado, mas essas

propriedades semânticas não estão representadas na estrutura proposta para a forma intransitiva, pois falta o predicado CAUSE e a representação do segundo subevento. Na estrutura proposta por Van Valin (2005) existe um argumento *y* opcional, que poderia abarcar as formas transitivas desses verbos. Repetimos abaixo a estrutura:

(137) *write*: **do'**(*x*, [**write'**(*x*, (*y*))])

Entretanto, uma estrutura como a de Van Valin (2005), com um argumento opcional, é indesejável por alguns motivos: primeiro, *y* é argumento de **write'**, mas não de **do'**, isso corresponde a um argumento da raiz. Como já argumentamos, os objetos diretos desses verbos não são argumentos da raiz porque interferem diretamente na sintaxe; se fossem parte do conteúdo idiossincrático do verbo não ocasionariam tal interferência. Outro ponto é que, apesar de a estrutura conter o argumento *y*, não contém CAUSE, indicando os dois diferentes subeventos. Seria também possível representar o *y* opcional com o predicado primitivo ACT, como na proposta de Rappaport Hovav e Levin (1998), mas essa proposta possui os mesmos problemas que citamos para a proposta de Van Valin (2005):

(138) *v*: [*x* ACT <sub><MANNER></sub> *y*]

Vimos que as formas transitivas de verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar* denotam um evento de criação de um objeto e complexo, pois esses verbos formam sentenças que são ambíguas quando modificadas por *quase*. Cançado e Godoy (2011, p. 210) propõem a seguinte estrutura de evento para os verbos de criação:

(139) *v*: [[*X* ACT <sub><MANNER></sub>] CAUSE [CREATION of *Y*]]

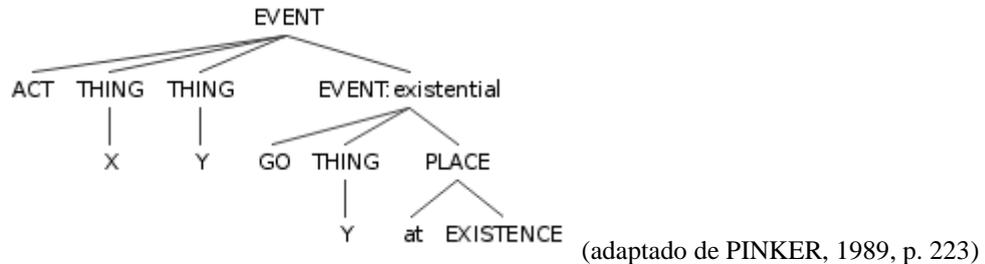
Para Cançado e Godoy (2011), o sentido de verbos como *pintar* e *escrever* contém informação sobre a maneira específica de o agente agir. Por isso, as autoras propõem que a raiz desses verbos é da categoria MANNER e modifica o predicado ACT. A alternância para uma forma intransitiva, na proposta das autoras, resulta do “apagamento” do subevento que não contém a raiz:

(140) *v*: [[*X* ACT <sub><MANNER></sub>] CAUSE [CREATION of *Y*]]

Propostas semelhantes são encontradas nos trabalhos de Dowty (1979), de Pinker (1989) e de Van Valin (2005):

(141) [[*John paints*] CAUSE [BECOME [*a picture exists*]]] (DOWTY, 1979, p. 91)

(142) *Make* ‘fazer’:



(143) *write*: **do'** (x, [**write'** (x, y)]) & INGR **exist'**(y)<sup>26</sup> (adaptado de VAN VALIN, 2005, p. 44)

O que há de comum entre todas essas propostas é um predicado primitivo que indica a criação do objeto, como CREATION e EXIST. Nos trabalhos de Dowty (1979) e de Cançado e Godoy (2011), os subeventos denotados pelo verbo são relacionados pelo predicado primitivo CAUSE. Nos trabalhos de Pinker (1989) e de Van Valin (2005), outros elementos relacionam a ação e a criação. No caso do trabalho de Pinker (1989), é o predicado primitivo GO que assume essa função. Segundo o autor, a existência é tratada como um lugar em inglês, pois verbos de criação podem ser parafraseados com verbos de movimento do tipo *come* ‘vir’ (*come into existence* ‘vir a ter existência/ chegar à existência’ parafraseia *exist* ‘existir’). Já no trabalho de Van Valin (2005), é utilizado o elemento &. Esse elemento, que é, na verdade, um conectivo, e não um predicado, é definido na proposta do autor como *e então* e não explicita uma relação causal entre dois subeventos como definimos no Capítulo 2. Também é comum entre as propostas de Dowty (1979), de Van Valin (2005) e de Cançado e Godoy (2011) o fato de que o sentido idiossincrático do verbo se encontra representado no primeiro subevento, ou seja, a ação é que é especificada, e não o resultado. Apenas Pinker (1989) assume que verbos de criação podem especificar o resultado, e não a ação, mas o autor não explicita essa especificação nas representações que propõe.

<sup>26</sup> O autor propõe duas estruturas diferentes para verbos de criação, aquela com o argumento y opcional, que apresentamos em (137), e esta, em que y é argumento do predicado primitivo **exist'**. A função INGR, abreviatura de INGRESSIVE, é *grosso modo* correspondente ao predicado primitivo BECOME. As diferentes estruturas propostas não são comparadas no texto de Van Valin (2005) e, aparentemente, a estrutura em (137) é apenas uma versão “resumida”, proposta com o objetivo de explicar também a forma intransitiva desses verbos.

Para verificarmos se realmente esses verbos especificam a maneira de agir, podemos aplicar também aos verbos transitivos o teste da modificação por verbos no gerúndio, proposto por Godoy (2012). Veremos que esses verbos não parecem lexicalizar maneira na forma transitiva. Comparemos os exemplos de sentenças transitivas e intransitivas abaixo:

- (144) O poeta escreveu o poema digitando./ ?O poeta escrevia digitando.  
 (145) A artista pintou um quadro desenhando flores no papel./ ?O artista pintava desenhando flores no papel.  
 (146) A Maria costurou o vestido de noiva bordando lantejoulas./ ?A Maria costurava bordando lantejoulas.  
 (147) A Maria Tereza digitava o documento datilografando com precisão./?A Maria Tereza digitava datilografando com precisão.

Esses exemplos sugerem que verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar* aceitam mais facilmente determinados modificadores de maneira na forma transitiva que na forma intransitiva. Além disso, como vimos no início do capítulo, os nomes relacionados aos verbos intransitivos denotam maneiras, entretanto, os nomes relacionados aos verbos transitivos denotam eventos específicos. No caso das formas transitivas, teremos os seguintes nomes:

- (148) O poeta escreveu o poema./ A escrita do poema  
 (149) A artista pintou o quadro./ A pintura do quadro  
 (150) A Maria costurou o vestido de noiva./ A costura do vestido de noiva  
 (151) A Maria Tereza digitou o documento. /A digitação do documento

Podemos evidenciar a denotação eventiva desses nomes construindo sentenças com o verbo *durar*, da forma como fizemos na seção 3.1:

- (152) A escrita do poema durou duas horas.  
 (153) A pintura do quadro durou duas horas.  
 (154) A costura do vestido de noiva durou duas horas.  
 (155) A digitação do documento durou duas horas.

Para analisar esses verbos, então, que parecem, pelo menos a partir desses testes, possuir uma raiz com diferentes categorias ontológicas, assumiremos a proposta de Levin e Rappaport Hovav (1995) de que algumas raízes podem de fato possuir mais de uma classificação ontológica. Dessa maneira, analisaremos a ocorrência de verbos como *escrever* em formas intransitivas e transitivas como uma polissemia, e não como uma alternância verbal. A nossa proposta é que não existe um processo derivacional entre as formas intransitiva e transitiva dos verbos de criação, mas dois verbos diferentes com o mesmo “nome”<sup>27</sup>. A seguir apresentamos a hipótese da múltipla classificação das raízes e mostramos mais evidências de que essa parece ser a análise mais adequada para os nossos dados.

Segundo Levin e Rappaport Hovav (1995), uma raiz pode ser associada a mais de uma estrutura de evento por causa de suas propriedades semânticas. A entrada de uma raiz em diferentes estruturas é uma consequência de que essa raiz pode ser classificada em mais de uma categoria ontológica e é uma fonte de polissemia verbal. Esse processo ocorre em várias classes de verbos. Por exemplo, Cançado, Godoy e Amaral (2012) apresentam uma série de exemplos de verbos que entram em diferentes classes verbais por causa do conteúdo semântico de suas raízes. Um exemplo muito interessante das autoras é o verbo *uniformizar*. Segundo Cançado, Godoy e Amaral (2012), *uniformizar* pode ser um verbo de mudança de estado, com raiz de categoria ontológica STATE, ou um verbo de mudança de posse, com raiz de categoria ontológica THING:

(156) a. O pedreiro uniformizou a cor da parede. (acarreta que a cor da parede ficou *uniforme*)

b. *uniformizar*: [[X] CAUSE [BECOME Y <UNIFORME>]]

(157) a. O menino uniformizou os soldadinhos de brinquedo. (acarreta que os soldadinhos de brinquedo ficaram com *uniforme*)

b. *uniformizar*: [[X] CAUSE [BECOME Y WITH <UNIFORME>]]

---

<sup>27</sup> Segundo o Prof. Marcelo Ferreira, há dois problemas sobre a proposta da polissemia que apresentamos nesta dissertação: o primeiro é relacionar as duas entradas lexicais de um verbo polissêmico e o segundo é tratar a polissemia como sendo parte do conteúdo idiossincrático do verbo, já que, em outras esferas, a polissemia é um processo semântico sistemático. Para a solução desses dois problemas, apresentamos uma proposta com base no conteúdo semântico da raiz. A raiz dos verbos polissêmicos é uma só raiz, que pode ser classificada em duas categorias ontológicas distintas e, assim, entrar em duas diferentes estruturas de evento. A raiz, então, é o que relaciona as duas entradas lexicais do verbo polissêmico. Propomos também que o fato de a polissemia nesses casos ser determinada pelo conteúdo semântico da raiz não faz com que o processo seja assistemático. É a raiz que determina o campo semântico do verbo e é a partir do campo semântico que as palavras apresentam polissemia sistematicamente.

Como afirmam Levin e Rappaport Hovav (1995), o mesmo verbo apresenta comportamento sintático diferente dependendo do sentido (da estrutura de evento a qual a raiz está associada), o que é uma decorrência de sua participação em diferentes classes verbais. Por exemplo, *uniformizar* participa da alternância causativo-incoativa como verbo de mudança de estado: *o pedreiro uniformizou a cor da parede/a cor da parede (se) uniformizou (com a pintura)*, mas não participa dessa alternância como verbo de mudança de posse: *o menino uniformizou os soldadinhos de brinquedo/\*os soldadinhos de brinquedo (se) uniformizaram (com a brincadeira)*.

Vejam, ainda, mais algumas evidências da nossa proposta. Segundo Meirelles (2012), o prefixo *re-* tem uma preferência por verbos de *accomplishment*. Verbos de criação, que denotam *accomplishments*, podem formar verbos derivados com *re-*:

- (158) O João reescreveu a carta.
- (159) O artista repintou a imagem da menina.
- (160) O João redesenhou a menina.

Mas quando usados como verbos de atividade, na forma intransitiva, esses verbos não podem formar verbos derivados com *re-*:

- (161) \*O João reescrevia.
- (162) \*O artista repintava.
- (163) \*O João redenhava.

Essa evidência corresponde ao teste do *quase*, pois mostra que as diferentes formas do mesmo verbo denotam tipos de evento diferentes.

Outra evidência que podemos citar para a proposta da polissemia é a questão da relação entre o aspecto gramatical e os argumentos desses verbos. Operadores do nível da sintaxe, como o aspecto gramatical, não são capazes de alterar a estrutura argumental de um verbo. Por exemplo, se colocamos um verbo de mudança de estado em um tempo verbal que exprime aspecto imperfectivo, o verbo continua pedindo o segundo argumento:

- (164) O João quebrava [*o quê?*].

Entretanto, não é isso que ocorre com os verbos de criação, como já mostramos com o verbo *escrever*:

(165) O professor escrevia.

(166) O professor escreveu [*o quê?*].

Por isso, acreditamos que esses verbos pedem um segundo argumento somente com um aspecto gramatical perfectivo porque esse aspecto gramatical está relacionado ao verbo *escrever* transitivo, que denota um *accomplishment*. O diferente número de argumentos em diferentes aspectos gramaticais resulta do processo de polissemia, não do aspecto gramatical propriamente.

Propomos, então, que as raízes de verbos como *escrever* podem ser classificadas ontologicamente como MANNER, na forma intransitiva, ou como EVENT, na forma transitiva. Assim, essas raízes podem entrar em uma estrutura de evento modificando ACT ou em uma estrutura de evento complexa, em que dois subeventos são relacionados por CAUSE. Evidência para a presença de CAUSE na estrutura da forma transitiva é a ambiguidade das sentenças com *quase*, apresentadas nos exemplos em (87)-(90). Assumiremos também que essas estruturas não terão raízes de categoria ontológica MANNER, pois esses verbos não lexicalizam maneira de acordo com os testes que realizamos nesta seção. Sabemos também que essa estrutura deverá conter duas variáveis, X e Y, pois esses verbos, na forma transitiva, são biargumentais. A categoria ontológica da raiz é EVENT e a raiz deve estar presente no segundo subevento, junto à variável Y.

Agora vejamos quais são os predicados primitivos que compõem os subeventos na estrutura de evento de verbos de criação. Para isso, analisemos alguns diferentes tipos de sentenças transitivas com os verbos *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar*:

(167) a. O João escreveu uma carta.

b. O João escreveu o nome do menino.

(168) a. O artista pintou um quadro.

b. O artista pintou uma flor.

(169) a. A Matilde costurou um vestido de noiva.

b. A Matilde costurou o vestido que ela viu na revista.

(170) a. A Maria Tereza digitou o documento.

b. A Maria Tereza digitou o nome do chefe.

Através de exemplos como esses, podemos verificar a pertinência de predicados como CREATE, CREATION ou EXIST na representação lexical desses verbos. Objetos como *uma carta, um quadro, um vestido de noiva e o documento*, nos exemplos em (a), de fato passam a existir ou são criados durante o evento denotado pelo verbo. Entretanto, objetos como *o nome do menino, uma flor, o vestido que ela viu na revista e o nome do chefe*, nos exemplos em (b), já existem e são apenas “copiados” durante o evento denotado pelo verbo. Assim, parece que a representação lexical dos verbos não especifica se o objeto está sendo criado pela primeira vez ou se está sendo “copiado”. Essas diferentes interpretações resultam de fatores extraléxicais, como o próprio objeto direto (a diferença, por exemplo, entre *um vestido de noiva* e *o vestido que ela viu na revista*). Propomos, então, que na estrutura de evento dos verbos de criação não existem predicados como CREATE, CREATION ou EXIST.

Ainda, existem alguns autores que propõem que o segundo subevento dos verbos de criação contém o predicado BECOME (DOWTY, 1979; VAN VALIN, 2005). Esse predicado, como mostramos no Capítulo 2, representa o componente de sentido *mudança*. Entretanto, os verbos de criação não parecem denotar eventos de mudança. Se alguém escreve uma palavra, por exemplo, cria uma representação dessa palavra em forma escrita, mas não muda o estado da palavra. Também, se alguém costura um vestido, cria o próprio vestido, mas não causa uma mudança em um vestido que já existe. Além disso, Stechow (2001) argumenta que BECOME não pode estar presente na representação dos verbos de criação, tomando como base a representação proposta por Dowty (1979). Vejamos novamente a estrutura proposta pelo autor:

(171) [[*John paints*] CAUSE [BECOME [*a picture exists*]]]

Stechow (2001) argumenta que BECOME  $\phi$  denota uma mudança de  $\neg \phi$  para  $\phi$ . Na estrutura em (171), então, [BECOME [*a picture exists*]] denota uma mudança de  $\neg$  [*a picture exists*] para [*a picture exists*]. Entretanto, a negação de *a picture exists* ‘uma figura existe’ (*não é verdade que uma figura existe*) acarreta que não existe nenhuma figura. Esse acarretamento não é um acarretamento possível para o verbo *paint* ‘pintar’ e, assim, Stechow (2001) conclui que, pelo menos da forma como é concebido no trabalho de Dowty (1979), BECOME não deve ser utilizado na representação desses verbos. Com base nessas argumentações, assumimos que o predicado primitivo BECOME (ou a versão INGR de VAN VALIN, 2005 para esse predicado) não está presente na estrutura de evento dos verbos de criação.

Para confirmarmos, por fim, a categoria ontológica das raízes dos verbos de criação, utilizaremos paráfrases e a denotação do nome relacionado ao verbo:

- (172) O João escreveu uma carta. ⇐ O João realizou a escrita de uma carta.  
 (173) O artista pintou um quadro. ⇐ O artista realizou a pintura de um quadro.  
 (174) A Matilde costurou um vestido de noiva. ⇐ A Matilde realizou a costura de um vestido de noiva.  
 (175) A Maria Tereza digitou o documento. ⇐ A Maria Tereza realizou a digitação do documento.

Considerando as paráfrases acima e que os nomes relacionados aos verbos de criação denotam eventos, como vimos em (148)-(155), concluímos que a raiz desses verbos deve ser da categoria ontológica EVENT. Com base nas evidências apresentadas, propomos a seguinte estrutura de evento para os verbos de criação:

- (176) *v*: [[X ACT] CAUSE [<EVENT> OF Y]]

Na estrutura, CAUSE é o predicado primitivo que estabelece uma relação causal entre dois subeventos, [X ACT] e [<EVENT> OF Y]. O segundo subevento é formado pela raiz, pela variável Y e por um predicado primitivo que os relaciona, OF. Na literatura, preposições são geralmente assumidas como predicadores diádicos (HALE; KEYSER, 2002; NEGRÃO; SCHER; VIOTTI, 2008). Portanto, o predicado OF na estrutura é biargumental, tomando <EVENT> e Y como argumentos e relacionando a raiz ao argumento Y<sup>28</sup>.

Como estamos tratando de verbos agentivos, vamos manter a marca dessa agentividade com o predicado ACT relacionado a X, como na forma intransitiva desses verbos (seguindo CANÇADO, 2010; PINKER, 1989; WUNDERLICH, 2012).

As representações lexicais dos verbos *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar* serão:

- (177) *escrever*: [[X ACT] CAUSE [<ESCRITA> OF Y]]  
 (178) *pintar*: [[X ACT] CAUSE [<PINTURA> OF Y]]  
 (179) *costurar*: [[X ACT] CAUSE [<COSTURA> OF Y]]  
 (180) *digitar*: [[X ACT]] CAUSE [<DIGITAÇÃO> OF Y]]

<sup>28</sup> O conteúdo semântico de OF ainda precisa ser mais bem investigado.

A proposta da polissemia dos verbos de criação possibilita a classificação de verbos polissêmicos como *escrever* e também de verbos não polissêmicos como *construir* em uma mesma classe. Na nossa proposta, podemos assumir que existe uma classe de verbos de criação transitivos, que é composta de verbos como *escrever*, *pintar*, *costurar* e *digitar* e também de verbos como *construir*, *inventar*, *criar* e *fabricar*, que não possuem formas intransitivas (\*o pedreiro construía/ \*o cientista inventava/ \*o escritor criava/ \*o operário fabricava)<sup>29</sup>. Alguns autores propõem que existem diferentes classes de verbos de criação (como DOWTY, 1979; LEVIN, 1993; PIÑÓN, 2010). Entretanto, na nossa análise desses dados, não observamos nenhuma diferença de comportamento sintático e, assim, não existe justificativa para separar diferentes classes de verbos de criação. Apresentamos abaixo, a representação lexical de alguns desses verbos:

(181) *construir*: [[X ACT] CAUSE [<CONSTRUÇÃO> OF Y]]

(182) *compor*: [[X ACT] CAUSE [<COMPOSIÇÃO> OF Y]]

(183) *criar*: [[X ACT] CAUSE [<CRIAÇÃO> OF Y]]

(184) *fabricar*: [[X ACT] CAUSE [<FABRICAÇÃO> OF Y]]

A possibilidade de ser classificada em mais de uma ontologia e de ocorrer em mais de uma estrutura de evento é uma propriedade específica de cada raiz, e não de uma classe verbal. Por exemplo, não são todos os verbos de mudança de estado que podem ser também verbos de mudança de posse como o verbo *uniformizar*. Os verbos *esfriar*, *quebrar*, *machucar*, etc., são apenas verbos de mudança de estado. Poderíamos esperar, também, que existissem verbos como *escrever* intransitivo que não possuem uma forma transitiva e que não são verbos de criação. Entretanto, em uma busca exaustiva através do dicionário de Borba (1990) não foram encontrados tais verbos. Mesmo assim, não descartamos a hipótese de que possa haver verbos desse tipo em outras línguas. No Apêndice, ao final da dissertação, apresentamos uma lista de verbos de criação, incluindo aqueles que não possuem formas intransitivas.

---

<sup>29</sup> Diferentemente dos exemplos mostrados em (167)-(170), alguns verbos de criação, como *criar*, *compor* e *inventar*, parecem sempre especificar que o objeto é criado pela primeira vez. No caso desses verbos, essa interpretação não decorre de fatores extra-lexicais. Assumiremos que, nesses casos, é o sentido da raiz que especifica um evento (de criação, composição ou invenção) em que o objeto não pode ser “copiado”.

### 3.3 Conclusões

Neste capítulo, apresentamos nossa análise e nossa proposta de representação lexical para os verbos agentivos de atividade do português brasileiro descritos no Capítulo 1 e listados no Apêndice. Mostramos que, dentre os verbos analisados, existem duas classes, os verbos da classe de *correr* e os verbos da classe de *escrever*. Propomos ainda, que a ocorrência dos verbos da classe de *escrever* em duas estruturas sintáticas decorre de um processo de polissemia, então, existem três classes verbais dentre os verbos analisados. Com base em testes e evidências apresentados, propomos que os verbos da classe de *correr* são mais adequadamente representados por uma estrutura de evento construída a partir do predicado DO e que os verbos da classe de *escrever* são mais adequadamente representados por uma estrutura de evento construída a partir do predicado ACT. Dessa forma, acreditamos ter corroborado a nossa hipótese de que devem existir dois predicados primitivos diferentes, ACT e DO, para a representação de verbos agentivos de atividade. Mostramos também que, ao contrário do que propõem Levin e Rappaport Hovav (1998) e Grimshaw (2005), os verbos agentivos de atividade não formam uma única classe, pelo menos no português brasileiro.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações finais a respeito da pesquisa que apresentamos nesta dissertação. Retomamos o que foi apresentado em cada capítulo, em especial, retomamos a hipótese levantada e os objetivos propostos. Apresentamos também os resultados obtidos, bem como algumas questões que sugerimos para pesquisa futura.

No Capítulo 1, delineamos o campo de estudo da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, mostrando o que são classes verbais e representações lexicais e também que verbos como *correr* e outros do mesmo tipo não são verbos de movimento, de modo de movimento, ou de trajetória. Também apresentamos a pesquisa, mostrando o objeto de estudo, a hipótese, os objetivos, a justificativa da pesquisa e a metodologia adotada. Retomemos, então, a nossa hipótese e os objetivos propostos. Levantamos a hipótese de que ACT e DO são dois predicados primitivos diferentes e ambos existem em um inventário de predicados primitivos. Cada um desses predicados será utilizado na representação lexical de um tipo específico de verbo de atividade agentivo do português brasileiro. A fim de corroborar a hipótese levantada, propomos os seguintes objetivos específicos:

- e) Fazer um levantamento de verbos do português brasileiro que são de atividade, agentivos e que possuem formas intransitivas;
- f) Verificar se tais verbos formam uma classe uniforme através de suas propriedades semânticas e sintáticas;
- g) Propor representações lexicais para os verbos;
- h) Constatar se existe diferença entre os predicados primitivos ACT e DO e qual deles representa adequadamente os verbos em questão;

Cumprindo o primeiro objetivo proposto, fizemos um levantamento de verbos do português brasileiro que são de atividade, são agentivos e possuem formas intransitivas. Esses verbos estão listados no Apêndice e constituem os dados utilizados na realização da pesquisa.

No Capítulo 2, descrevemos a abordagem teórica adotada, a decomposição de predicados. Mostramos como funciona essa linguagem para a representação lexical dos verbos e mostramos também as diferentes propostas existentes na literatura para os predicados primitivos ACT e DO. Esses predicados são utilizados na representação de verbos de

atividade agentivos e na representação de agentes de verbos causativos. São normalmente associados a noções semânticas como controle direto, agentividade, volição e aspecto lexical de atividade.

No Capítulo 3, fizemos uma análise das propriedades semânticas e sintáticas dos verbos de atividade agentivos coletados. Com base nessas análises, propomos que esses verbos se dividem em duas classes verbais gramaticalmente relevantes, os verbos como *correr* e os verbos como *escrever*. Por exemplo, mostramos que, enquanto verbos como *correr* aceitam modificação por um nome cognato em posição de objeto direto, verbos como *escrever* não aceitam. Para a classificação desses verbos, utilizamos uma série de testes, como acarretamentos relativos às sentenças analisadas, construção de paráfrases, modificação por diferentes elementos linguísticos, ocorrência do verbo em determinada construção, o sentido de nomes morfológicamente relacionados aos verbos, entre outros. Assim, acreditamos ter cumprido também o segundo objetivo proposto, ao verificar se tais verbos formam uma classe uniforme através de suas propriedades semânticas e sintáticas.

Também com base em testes semânticos e sintáticos, propomos que os verbos como *correr* são adequadamente representados por uma estrutura formada com o predicado primitivo DO e que os verbos como *escrever* são adequadamente representados por uma estrutura formada com o predicado primitivo ACT. Por exemplo, mostramos que verbos como *correr* podem ser parafrazeados por estruturas como *fazer corrida*, o que evidencia a presença de DO em sua representação lexical. Verbos como *escrever* não são parafrazeados da mesma maneira, o que indica que são representados por uma estrutura formada pelo predicado ACT. Dessa forma, acreditamos ter cumprido, por fim, os dois últimos objetivos propostos: propor representações lexicais para os verbos (que retomamos abaixo) e constatar se existe diferença entre os predicados primitivos ACT e DO e qual desses predicados representa adequadamente os verbos em questão.

Nesse capítulo, propomos também que uma aparente alternância de transitividade que ocorre com os verbos da classe de *escrever* (*o João escrevia/ o João escreveu uma carta*) é resultado de um processo de polissemia. Verbos como esses possuem uma raiz com dupla classificação ontológica. Dessa maneira, propomos, mostrando algumas evidências, que esses verbos são polissêmicos e que fazem parte de duas classes distintas, uma classe de verbos intransitivos, a classe de verbos como *escrever*, e uma classe que comporta verbos transitivos, a classe dos verbos de criação. A seguir, resumimos as propriedades mais importantes de cada uma das classes verbais:

(1) Verbos como *correr*:

- são intransitivos;
- podem ser modificados por um objeto direto cognato;
- denotam a realização de um evento específico por parte do agente;
- denotam eventos simples.

(2) Verbos como *escrever*:

- são intransitivos;
- não podem ser modificados por um objeto direto cognato;
- descrevem a maneira de agir do agente;
- denotam eventos simples.

## (3) Verbos de criação:

- são transitivos;
- denotam eventos de criação (ou “cópia”) de um objeto;
- denotam eventos complexos.

A partir dessas propriedades e de outros testes sintáticos e semânticos realizados, propomos as seguintes estruturas de evento para cada uma dessas classes:

(4) Verbos como *correr*: [X DO <EVENT>]

(5) Verbos como *escrever*: [X ACT <MANNER>]

(6) Verbos de criação: [[X ACT] CAUSE [<EVENT> OF Y]]

Com base, então, no que propomos para cada uma das classes verbais analisadas neste trabalho e tendo em vista que cumprimos os objetivos específicos, acreditamos ter corroborado a hipótese levantada. Dessa maneira, acreditamos ter cumprido também o objetivo geral que propomos: contribuir para a pesquisa linguística através do estudo das representações lexicais. Nesta pesquisa, propomos, mostrando uma série de evidências, que os predicados primitivos ACT e DO não são equivalentes (como normalmente se assume na literatura), que os verbos agentivos de atividade do português brasileiro não formam uma classe verbal e que é importante assumir que existem dois predicados primitivos diferentes, ACT e DO, para a representação lexical dos verbos.

Acreditamos que este trabalho traz alguns resultados positivos em relação a outros trabalhos já realizados sobre o assunto, pois desvinculamos os predicados primitivos estudados das noções de aspecto e papel temático. É importante ressaltarmos, ainda, a

importância da decomposição de predicados no âmbito das formalizações semânticas. Como são primitivos da teoria, os predicados ACT e DO são, na verdade, as próprias noções semânticas primitivas e podem ser utilizados facilmente na formalização do sentido dos verbos, da forma como fizemos nesta dissertação e da forma como se faz nos trabalhos que tomam a decomposição de predicados como metodologia de análise. Mas para propor representações lexicais para os verbos em termos de ACT ou DO não é adequado se usar noções semânticas intuitivas, ou apenas aspecto lexical e papel temático, é necessário investigar o conjunto de evidências que mostram a presença ou ausência desses predicados nas representações lexicais dos verbos.

Concluimos, por fim, que a existência de dois predicados ACT e DO é relevante para teorias da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, pois diferencia verbos com comportamento gramatical diferente. Apesar de parecer menos econômica, a proposição de dois predicados reflete uma diferenciação importante entre os verbos, percebida por vários autores.

Por último, destacamos uma das consequências mais importantes da nossa proposta, a qual já explicitamos anteriormente: não existe uma classe uniforme de verbos de atividade. Mostramos que existem duas classes, a de verbos como *correr* e a de verbos como *escrever*, mas em nossa análise não abarcamos diversos outros tipos de verbos, como os verbos de expressão (*falar, cantar, sussurrar*), verbos chamados de verbos de consumo (*comer e beber*), verbos de emissão de som (*latir e uivar*), verbos de afetação (como *varrer, lavar* e outros; GODOY, 2012), os verbos instrumentais (*martelar, unhar*), verbos como *olhar* e tantos outros que podem vir a pertencer às classes formuladas neste trabalho ou vir a formar outras classes. Fica a pergunta para pesquisas futuras. Muitos verbos de atividade agentivos ainda precisam ser analisados, são representados por DO, ACT, ou ainda será necessário postular outros predicados para as novas classes a serem descobertas?

## REFERÊNCIAS

AMARAL, L. O nomes recíprocos do português brasileiro. *Ao pé da letra*, v.11, n.1, p. 49-70, 2009.

AMARAL, L. *Os verbos de modo de movimento do português brasileiro*. 2010. Monografia (Bacharelado em Letras) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

AMARAL, L. Os verbos de modo de movimento do português brasileiro. *ReVeLe*, v. 3, 2011.

BORBA, F. (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.

BROUSSEAU, A.-M.; RITTER, E. A non-unified analysis of agentive verbs. In: BATES, D. *The proceedings of the 10th West Coast Conference on Formal Linguistics*. 1991. p. 53-64.

CANÇADO, M. *Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos Vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL, Unicamp, Campinas, 1995.

CANÇADO, M. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. *Revista do GEL*, v. 0, p. 93-128, 2002.

CANÇADO, M. Posições argumentais e propriedades semânticas. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005.

CANÇADO, M. Argumentos: complementos e adjuntos. *ALFA*, v. 53, n. 1, p. 35-59, 2009.

CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 77-111, 2010.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no português brasileiro. *Revista da Abralin*, v. 9, n. 2, p. 123-147, 2010.

CANÇADO, M.; GODOY, L. Relacionando as Estruturas Semântico-Lexical e Sintático-Lexical. In: NAVES, R.; SALLES, H. *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*. Goiânia: Cânone Editorial, 2011. p. 199-215.

CANÇADO, M.; GODOY, L. Representação Lexical de Classes Verbais do PB. *ALFA*, v. 56, n. 1, p. 109-135, 2012.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Parte I - Verbos de mudança. Manuscrito, UFMG, 2012.

CANN, R. *Formal Semantics: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CIRÍACO, L. *A Alternância Causativo/Ergativa no PB: restrições sintáticas e semânticas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

CIRÍACO, L. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 46, n. 2, p. 207-225, 2004.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. A Alternância Causativo-Ergativa no Português Brasileiro. *Matraga*, v. 16, n. 24, p. 216-231, 2009.

COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORRÊA, R. *Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, p. 371-404, 2006.

CRUSE, D. A. Some thoughts on agentivity. *Journal of Linguistics*, v. 9, n. 1, p. 11-23, 1973.

DAVIDSON, D. The logical form of action sentences. In: RESCHER, N. *The logic of decision and action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1967. p. 81-120.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.

FILLMORE, C. The Case for Case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968. p. 1-88.

FILLMORE, C. Types of lexical information. In: STEINBERG, D.; JAKOBOVITS, L. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 370-392.

FOLTRAN, M. J.; CRISÓSTOMO, G. Os adjetivos participiais no português. *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 2003. p. 980-987.

GODOY, L. *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2008.

GODOY, L. *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

GOLDBERG, A. Verbs, Constructions, and Semantic Frames. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. *Lexical Semantics, Syntax, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 39-58.

GRIMSHAW, J. *Words and Structure*. Stanford: CSLI Publications/University of Chicago Press, 2005.

GRUBER, J. S. *Studies in Lexical Relations*. 1965. Doctoral Dissertation – MIT, Cambridge, MA, 1965.

HALE, K.; KEYSER, S. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In: HALE, K.; KEYSER, S. *The View from Building 20*. Cambridge: The MIT Press, 1993. p. 53-109.

HALE, K.; KEYSER, S. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HARLEY, H. How do verbs get their names? Denominal Verbs, Manner Incorporation and the Ontology of Verb Roots in English. In: ERTESCHIK-SHIR, N.; RAPPOPORT, T. *The Syntax of Aspect*. Oxford: Oxford university Press, 2005. p. 42-64.

HORROCKS, G.; STAVROU, M. Morphological Aspect and the Function and Distribution of Cognate Objects Across Languages. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. *Lexical Semantics, Syntax, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 284-308.

JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.

JACKENDOFF, R. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

JONES, M. A. Cognate objects and the Case-filter. *Journal of Linguistics*, v. 24, p. 89-110, 1988.

KOENIG, J.-P.; DAVIS, A. The KEY to lexical semantic representations. *Journal of Linguistics*, v. 42, n. 1, p. 71–108, 2006.

LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

LAPORTE, É. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxico-gramática. *Revista (Con)textos Lingüísticos*, v. 2, p. 26-51, 2008.

LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B. Objecthood: An Event Structure Perspective. *Proceedings of CLS 35, volume 1: The Main Session*. Chicago Linguistic Society, University of Chicago, Chicago, IL, 1999. p. 223-247.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. The Lexical Semantics of Verbs of Motion: The Perspective from Unaccusativity. In: ROCA, I. *Thematic Structure: Its Role in Grammar*. Berlin: Foris, 1992. p. 247-269.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Two Structures for Compositionally Derived Events. *Proceedings of SALT 9*. Cornell University, Ithaca, NY: Cornell Linguistics Circle Publications, 1999. p. 199-223.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MCCAWLEY, J. The role of semantics in a grammar. In: BACH, E.; HARMS, R. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 124-169.

MEIRELLES, L. *Análise semântica do comportamento do prefixo re- em verbos do PB*. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica), Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

MOREIRA, C. *Princípio de ligação Sintaxe/Semântica: Construções Estativas*. 2000. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2000.

MORGAN, J. On arguing about semantics. *Papers in Linguistics*, v. 1, p. 49-70, 1969.

NEGRÃO, E.; SCHER, A. P.; VIOTTI, E. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, J. L. *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. Vol.2 Princípios de Análise. p. 81-109.

PARSONS, T. *Events in the Semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.

PINKER, S. *Learnability and Cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 1989.

PIÑÓN, C. Draw. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. *Lexical Semantics, Syntax, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 270-283.

PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.

RAPPAPORT HOVAV, M. Lexicalized meaning and the internal temporal structure of events. In: ROTHSTEIN, S. *Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspect*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 13-42.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building Verb Meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. *The projection of arguments: Lexical and Syntactic Constraints*. Stanford: CSLI Publications, Stanford University, 1998. p. 97-134.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Reflections on Manner/Result Complementarity. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. *Syntax, lexical semantics, and event structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 21-38.

ROSS, J. R. Act. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. *Semantics of natural language*. Dordrecht: D. Reidel, 1972. p. 70-126.

ROTHSTEIN, S. *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell, 2004.

SCHER, A. P.; LEUNG, R. O Filtro do Caso e os Objetos Cognatos com Verbos Inacusativos. *Estudos Lingüísticos*, v. 34, p. 927-932, 2005.

SCHER, A. P.; LEUNG, R. Os Objetos Cognatos e os Modificadores Adverbiais. *Estudos Lingüísticos*, v. 35, p. 1668-1676, 2006.

SILVA, E. *Predicadores espaciais: estrutura argumental e hierarquia temática*. 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2002.

STECHOW, A. Lexical decomposition in syntax. In: EGLI, U.; PAUSE, P.; SCHWARZE, C.; STECHOW, A.; WIENOLD, G. *Lexical knowledge in the organization of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 81-118.

STECHOW, A. Temporally Opaque Arguments in Verbs of Creation. In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GUASTI, M. T. *Semantic Interfaces: Reference, Anaphora and Aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001. p. 278-319.

VAN VALIN, R. *Advances in Role and Reference Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

VAN VALIN, R. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VAN VALIN, R.; LAPOLLA, R. *Syntax: structure, meaning, and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VAN VALIN, R.; WILKINS, D. The Case for 'Effector': Case Roles, Agents, and Agency Revisited. In: SHIBATANI, M.; THOMPSON, S. *Grammatical Constructions: Their Form and Meaning*. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 289-322.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell, 1967.

WENCESLAU, F. *Verbos beneficiários: um estudo na interface entre semântica e sintaxe*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2003.

WHITAKER-FRANCHI, R. *As Construções Ergativas: Um Estudo Sintático e Semântico*. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 1989.

WUNDERLICH, D. Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, v. 28, n. 1, p. 27-68, 1997.

WUNDERLICH, D. Lexical Decomposition in Grammar. In: WERNING, M.; HINZEN, W.; MACHERY, E. *The Oxford Handbook of Compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 307-327.

Todas as árvores sintáticas apresentadas neste trabalho foram construídas a partir do phpSyntaxTree: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/phpsyntaxtree/>?

## APÊNDICE

### Dados

**Verbos da classe de *escrever*:**

**Estrutura de evento: v: [X ACT <MANNER>]**

1. Bordar  
A Marina bordava.
2. Colorir  
A menina coloria.
3. Costurar  
A Maria costurava.
4. Datilografar  
A secretária datilografava.
5. Desenhar  
O menino desenhava.
6. Digitar  
A secretária digitava.
7. Escrever  
O aluno escrevia.
8. Esculpir  
O artista esculpia.
9. Pintar  
A Adriana pintava.
10. Tecer  
As artesãs teciam.
11. Tricotar<sup>30</sup>  
A Maria tricotava.

---

<sup>30</sup> Esse verbo é um contraexemplo ao teste da paráfrase com o verbo *fazer*, apresentado no Capítulo 3, pois *fazer tricô* parece ser uma paráfrase do verbo *tricotar*.

**Verbos da classe de *correr*:****Estrutura de evento: *v*: [X DO <EVENT>]**

## 1. Andar

A Maria andava.

?A Maria andou uma andada boa hoje.

A Maria andou bem hoje.

## 2. Bocejar

O bebezinho bocejava.

O bebezinho bocejou um bocejo gracioso.

O bebezinho bocejou graciosamente.

## 3. Caminhar

O João caminhava.

O João caminhou uma bela caminhada pela manhã.

O João caminhou de maneira bela pela manhã.

## 4. Chorar

O bebezinho chorava.

O bebezinho chorou um choro triste.

O bebezinho chorou tristemente.

## 5. Correr

O atleta corria.

O atleta correu uma corrida perfeita.

O atleta correu perfeitamente.

## 6. Dançar

A Dani dançava.

A Dani dançou a dança do ventre.

A Dani dançou à maneira da dança do ventre.

## 7. Engatinhar

O bebê engatinhava.

?O bebê engatinhou sua primeira engatinhada.

O bebê engatinhou pela primeira vez.

## 8. Espirrar

O bebezinho espirrou.

- O bebezinho espirrou um espirro baixo.  
O bebezinho espirrou baixo.
9. Galopar  
O cavalo da Chris galopava.  
?O cavalo da Chris galopou um galope suave.  
O cavalo da Chris galopou suavemente.
10. Gargalhar  
O palhaço gargalhava.  
O palhaço gargalhou a gargalhada mais estranha.  
O palhaço gargalhou estranhamente.
11. Gemer  
O pobre cãozinho gemia.  
O pobre cãozinho gemeu um gemido baixo.  
O pobre cãozinho gemeu baixo.
12. Nadar  
A Bárbara nadava.  
A Bárbara nadava nado borboleta.  
A Bárbara nadava à maneira do nado borboleta.
13. Piscar  
O rapaz piscava.  
O rapaz piscou uma piscada marota.  
O rapaz piscou de maneira marota.
14. Pular  
Os meninos pulavam.  
Os meninos pularam pulos cada vez mais altos.  
Os meninos pularam cada vez mais alto.
15. Rebolar  
A dançarina rebolava.  
A dançarina rebolou um rebolado fenomenal.  
A dançarina rebolou de maneira fenomenal.
16. Requebrar  
A sambista requebrava.  
?A sambista requebrou um belo requebrado.  
A sambista requebrou de maneira bela.

## 17. Rir

O menino ria.

O menino riu uma risada escandalosa.

O menino riu escandalosamente.

## 18. Roncar

O homem roncava.

O homem roncou um ronco de urso.

O homem roncou à maneira de urso.

## 19. Saltar

A ginasta saltava.

A ginasta saltou um salto triplo.

A ginasta saltou à maneira do salto triplo.

## 20. Sambar

As garotas sambavam.

As garotas sambaram um samba diferente.

As garotas sambaram diferentemente.

## 21. Sapatear

O bailarino sapateava.

O bailarino sapateou um frevo.

O bailarino sapateou à maneira do frevo.

## 22. Soluçar

O bebezinho soluçava.

O bebezinho soluçou um soluço sentido.

O bebezinho soluçou sentidamente.

## 23. Soprar

A deusa soprava.

A deusa soprou um sopro divino.

A deusa soprou divinamente.

## 24. Sorrir

O bebezinho sorria.

O bebezinho sorriu um sorriso doce.

O bebezinho sorriu de maneira doce.

## 25. Suspirar

A mulher suspirava.

A mulher suspirou um suspiro profundo.

A mulher suspirou profundamente.

26. Tossir

O bebezinho tossia.

O bebezinho tossiu uma tosse seca.

O bebezinho tossiu seco.

27. Trotar

O cavalo da Chris trotava.

O cavalo da Chris trotava trotes graciosos.

O cavalo da Chris trotou graciosamente.

28. Voar

Os canarinhos voavam.

Os canarinhos voaram voos graciosos.

Os canarinhos voaram graciosamente.

Obs.: os exemplos de cognatos encontrados no Google muitas vezes não são objetos, mas vêm separados por vírgula: *piscou, uma piscada forte*. Esse tipo de ocorrência é mais um indício do caráter modificador desse tipo de cognato. Esse fato também foi notado na coleta de dados por Scher e Leung (2006). As sentenças com objeto cognato são “marginais”, e parece que ficam melhores se o cognato não estiver na posição de objeto direto.

Os verbos *pular* e *dançar* ocorrem também com objetos diretos não cognatos/hiponímicos como em *o menino pulou o muro* e *a menina dançou uma música*. Esses casos não invalidam a nossa análise para esses verbos, mas precisam ser analisados.

### Verbos de criação:

v: [[X ACT] CAUSE [<EVENT> OF Y]]

1. Bordar

A Marina bordou um ursinho.

2. Colorir

A menina coloriu o desenho.

3. Compor

A Sandy compôs a música “as quatro estações”.

4. Confeccionar  
A Maria confeccionou um colchão.
5. Construir  
O menino construiu um castelo.
6. Costurar  
A Bernadete costurou uma calça jeans.
7. Criar  
A Josefina criou um boneco.
8. Datilografar  
A secretária datilografou o documento.
9. Desenhar  
O menino desenhou um dragão.
10. Digitar  
A secretária digitou o documento.
11. Elaborar  
O professor elaborou uma prova.
12. Escrever  
O professor escreveu um livro.
13. Esculpir  
O artista esculpiu o rosto do presidente.
14. Fabricar  
O João fabricou um brinquedo.
15. Fiar  
As índias fiaram uma rede.
16. Inventar  
O cientista inventou uma máquina do tempo.
17. Montar  
O menino montou um castelo.
18. Pintar  
A Adriana pintou um quadro.
19. Redigir  
O professor redigiu uma dissertação.
20. Tecer  
As artesãs teceram uma rede.

## 21. Tricotar

A Maria tricotou um cachecol.

Obs.: interessante observar que, na entrada do verbo *esculpir*, Borba (1990) define o verbo transitivo como “fazer, produzir, talhando uma matéria dura ou por um dos processos de escultura” e define o verbo intransitivo como “trabalhar por uma das técnicas de escultura”. Essas definições corroboram a nossa hipótese da polissemia e o fato de que esses verbos não são verbos de criação em sua forma intransitiva.